

# iscte

INSTITUTO  
UNIVERSITÁRIO  
DE LISBOA

---

## **O conflito do Saara Ocidental e a Agência Política dos Jovens Saarauís**

Sara Ferreira

Mestrado em Ação Humanitária

Orientadora:

Doutora Dora Rebelo, Professora Auxiliar Convidada  
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

fevereiro, 2025

**iscte**

SOCIOLOGIA  
E POLÍTICAS PÚBLICAS

**iscte**

BUSINESS  
SCHOOL

---

## **O conflito do Saara Ocidental e a Agência Política dos Jovens Saarauís**

Sara Ferreira

Mestrado em Ação Humanitária

Orientadora:

Doutora Dora Rebelo, Professora Auxiliar Convidada  
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

fevereiro, 2025





*The greatest weapon of the Sahrawi people is not arms, but their unbreakable spirit and unyielding belief in justice.*



## **Agradecimentos**

A realização desta dissertação foi possível graças ao contributo e incentivo de várias pessoas, às quais desejo expressar a minha profunda gratidão.

Em primeiro lugar, agradeço à minha orientadora, Professora Dora Rebelo, pelo acompanhamento constante e valiosas orientações ao longo deste percurso.

A todos os entrevistados, que generosamente dispensaram o seu tempo para contribuírem nesta dissertação, e sem os quais a sua realização não teria sido possível.

À Luísa, cuja colaboração foi essencial neste processo, agradeço a dedicação e disponibilidade no auxílio da realização das entrevistas.

À minha família e amigos, pela compreensão e motivação incondicionais durante estes meses, fundamentais para a concretização desta etapa.

Ao Diogo, por nunca ter duvidado de mim, e por não me permitir fazê-lo.

Por último, agradeço ao povo Saarauí, a quem dedico esta dissertação, pelo seu exemplo de força e determinação e pelo espírito indomável que demonstram ao longo dos últimos quase 50 anos.



## Resumo

O conflito do Saara Ocidental teve, desde o seu começo em 1975, inúmeros desenvolvimentos. Um deles foi o deslocamento forçado de milhares de Saarauís para a Argélia, aquando da ocupação marroquina, onde se estabeleceram campos de refugiados, em que residem, até hoje, cerca de 173 600 pessoas (Kapur, 2019). 50 anos mais tarde, a luta pela autodeterminação do Saara Ocidental está longe de ser concretizada, continuando a ser necessário o esforço pela perpetuação da causa Saarauí e da sua visibilidade perante a comunidade internacional. Deste modo, o presente estudo procura compreender as agências políticas da nova geração de Saarauís, assim como as suas perspetivas de futuro, tendo em conta o seu contexto político e as dificuldades sentidas no dia-a-dia. Para tal, foram realizadas entrevistas semiestruturadas a um grupo de jovens residentes nos campos de refugiados em Tindouf, a jovens residentes em Espanha, assim como a um profissional humanitário que trabalha numa associação de apoio ao Saara Ocidental. No geral, os resultados obtidos refletem conclusões similares às da literatura consultada, evidenciando que a agência política dos jovens Saarauís é limitada, não só pela sua falta de representatividade na RASD e na Frente Polisário, como também pelas dificuldades sentidas na vida quotidiana, nos campos e pela falta de perspetivas futuras dessa geração. A conjugação de problemáticas identificadas, juntamente com a longevidade do conflito e a falta de uma solução para o mesmo condicionaram as suas perceções sobre a melhor forma de o afrontar.

**Palavras-chave:** Agência Política; Campos de Refugiados; Conflito do Saara Ocidental; Jovens Saarauís; Marrocos



## Abstract

The Western Sahara conflict has undergone numerous developments since its beginning in 1975. One of them was the forced displacement of thousands of Sahrawis to Algeria during the Moroccan occupation, where refugee camps were established and where, to this day, around 173,600 people reside (Kapur, 2019). 50 years later, the struggle for the self-determination of Western Sahara remains far from being achieved, and continued efforts are needed to sustain the Sahrawi cause and its visibility before the international community. Thus, the present study aims to understand the political agency of the new generation of Sahrawis, as well as their future perspectives, considering their political context and the daily challenges they face. To achieve this, semi-structured interviews were conducted with a group of young people residing in the refugee camps in Tindouf, young Sahrawis living in Spain, and a humanitarian professional working in an organization that supports Western Sahara. Overall, the results obtained were in line with the consulted literature, highlighting that the political agency of the youth is limited, not only by their lack of representation in the SADR and the Polisario Front, but also by the difficulties faced in their daily lives, in the camps and the lack of future prospects for this generation. The combination of the identified issues, along with the longevity of the conflict and the lack of a solution, shaped their perceptions regarding the best method to achieve its resolution.

**Keywords:** Morocco; Political Agency; Refugee Camps; Sahrawi Youth; Western Sahara Conflict



# Índice

Agradecimentos.....	i
Resumo.....	iii
Abstract.....	v
Índice de Quadros e Figuras.....	ix
Glossário de Siglas e Acrónimos.....	xi
<b>Introdução.....</b>	<b>1</b>
<b>Capítulo 1. Contexto Histórico.....</b>	<b>5</b>
1.1. Saara Ocidental.....	5
1.2. Frente Polisário e República Árabe Democrática Saarauí.....	9
<b>Capítulo 2. Contexto Político e Relações Internacionais.....</b>	<b>13</b>
2.1. Propostas de Resolução do Conflito e Cessar Fogo.....	13
2.2. Intervenientes no Conflito.....	16
<b>Capítulo 3. Revisão da Literatura.....</b>	<b>21</b>
<b>Capítulo 4. Campos de Refugiados Saarauí.....</b>	<b>27</b>
4.1. Papel da Ação Humanitária nos campos.....	30
4.2. Problemáticas nos campos.....	31
4.3. Relevância do género no contexto Saarauí.....	33
<b>Capítulo 5. Jovens Saarauí.....</b>	<b>35</b>
5.1. Jovens nos territórios ocupados do Saara Ocidental.....	36
5.2. Jovens nos territórios libertados do Saara Ocidental.....	37
5.3. Jovens nos campos de refugiados Saarauí.....	38
5.4. Jovens na diáspora.....	40
<b>Capítulo 6. Metodologia.....</b>	<b>43</b>
6.1. Recolha e Análise de Dados.....	43

<b>Capítulo 7. Resultados .....</b>	<b>47</b>
Tema 1. Os jovens Saarauís percebem condicionamentos na sua agência política que lhes permita influenciar decisões ou atuar na luta pela autodeterminação. ....	47
Tema 2. A falta de condições nos campos de refugiados representa uma barreira às prospeções de vida dos jovens Saarauís .....	51
Tema 3. O conflito prolongado com Marrocos condiciona as perceções dos jovens Saarauís sobre a melhor forma de alcançar uma resolução para o mesmo. ....	56
<b>Capítulo 8. Discussão dos Resultados .....</b>	<b>59</b>
<b>Conclusão .....</b>	<b>63</b>
<b>Referências Bibliográficas .....</b>	<b>65</b>
<b>Anexos .....</b>	<b>71</b>
Anexo A – Guião da Entrevista.....	71
Anexo B – Consentimento Informado da Entrevista .....	72
Anexo C – Debriefing da Investigação .....	73

## Índice de Quadros e Figuras

Quadro 7.1. Perfil Demográfico dos Entrevistados.....	47
Figura 1.1. O Saara Espanhol e zonas administradas por Espanha em Marrocos. Adaptado de Zunes & Mundy, 2010. ....	6
Figura 1.2. Organização da República Árabe Saarauí Democrática e da Frente Polisário (1982). Adaptado de Zunes & Mundy, 2010. ....	11
Figura 4.1. Campos de Refugiados Saarauís na zona de Tindouf, Argélia (2011). Adaptado de Alice Wilson (2016). ....	28
Figura 4.2. Esquema dos três níveis prioritários de intervenção nos jovens refugiados em Tindouf. Adaptado de Kapur, 2019, traduzido pela autora. ....	33



## **Glossário de Siglas e Acrónimos**

ACNUR - Alto-comissariado das Nações Unidas para os Refugiados

ECHO - Direção-Geral da Proteção Civil e das Operações de Ajuda Humanitária Europeias

ELPS - Exército de Libertação Popular Saarauí

EUA - Estados Unidos da América

FP – Frente Polisário

MINURSO - Missão das Nações Unidas para o referendo no Saara Ocidental

OALS - *Organización Avanzada para la Liberación del Sáhara*

ONG – Organização não governamental

ONU – Organização das Nações Unidas

OUA - Organização da Unidade Africana

PAM – Programa Mundial de Alimentos

RASD – República Árabe Saarauí Democrática

UESARIO – União de Estudantes Saarauís

UJSARIO – União da Juventude Saarauí

UNMS - União Nacional de Mulheres Saarauís



## Introdução

Descrita frequentemente como a última colônia africana, o Saara Ocidental, situado na costa noroeste de África, está imerso num conflito esquecido há mais de 40 anos. Para a população Saarauí, a palavra “conflito” não reflete a sua realidade, uma vez que consideram a sua situação como uma ocupação por parte de Marrocos, ao invés de apenas um desacordo entre ambas as partes. Do lado marroquino, esta é uma questão de disputa territorial, que resulta num contexto político até hoje polémico.

A complexidade e duração deste conflito, juntamente com a sua falta de visibilidade perante a comunidade internacional suscitaram o interesse da investigadora, que pretende, ainda que modestamente, dar algum destaque a esta causa, especificamente à nova geração de Saarauís.

Para contextualizar o conflito do Saara Ocidental, é necessário retroceder até ao século XIX, quando ocorreu a colonização espanhola. O processo de descolonização começou em 1955, e 20 anos mais tarde, a Espanha procedeu à cedência administrativa do Saara Ocidental a Marrocos e à Mauritânia, após reivindicações do território por ambos os países (Kapur, 2019). A Frente Polisário (FP), criada em 1973 com o intuito de defender e lutar pela independência do Saara Ocidental, opôs-se à iniciativa marroquina, marcando a guerra civil. A Mauritânia retirou-se do conflito em 1979, transformando esta conjuntura numa disputa direta entre a Frente Polisário e Marrocos (Zunes & Mundy, 2010). Em 1991 foi acordado um cessar-fogo por ambas as partes, mas a incapacidade de atingir um consenso teve como consequência a sua irresolução até à atualidade, com um término do cessar-fogo em 2020 (Mundy, 2022).

As décadas de conflito tiveram repercussões imensas na população Saarauí. Em 1975, cerca de metade da população fugiu da ocupação marroquina, para a Argélia, em procura de refúgio (Kluszczyńska, 2021). Foram estabelecidos cinco campos de refugiados na zona de Tindouf, com o propósito inicial de que seriam apenas provisórios, mas que representam, ainda atualmente, a residência de grande parte da população em exílio (Kapur, 2019), quase cinco décadas após o início do conflito.

Os jovens simbolizam uma nova geração de esperança para a causa pela independência Saarauí, mas as condições precárias dos campos e as restrições que têm como refugiados políticos resultam numa inevitável condição de dependência da população face à ajuda

humanitária. Adicionalmente, o adiamento de uma resolução para o conflito tem contribuído para a instabilidade das suas condições de vida (Kapur, 2019).

A literatura existente sobre a população Saarauí foca-se maioritariamente nas questões de género e emancipação das mulheres (Fiddian-Qasmiyeh, 2018; Fuentes et al., 2013) visto que foram estas que estabeleceram os campos em 1975 e os geriram inteiramente durante os primeiros anos do conflito. Apesar de autores como Fiddian-Qasmiyeh, Kapur, Plaza e Fernández focarem os seus estudos nas condições de vida dos jovens Saaraúis que habitam nos campos, nomeadamente na sua agência política e prospeções para o futuro a nível pessoal, assim como para uma possível resolução do conflito, existe ainda pouca literatura disponível sobre estes temas.

Desde a Primavera Árabe, houve um crescimento no interesse do estudo do Médio Oriente e Norte de África, especialmente na participação política da faixa etária mais jovem, uma vez que o seu estudo possibilita tirar elações sobre a sociedade em que estão inseridos, como um todo (MacDonald, 2011).

Neste sentido, a presente dissertação pretende responder à seguinte questão de investigação: Quais as perceções dos jovens Saaraúis sobre a sua agência política? Como questão secundária, pretende-se ainda compreender: Quais as suas perspetivas futuras de vida? Respondendo a estas questões, os objetivos da presente dissertação passam por: 1) analisar a agência política dos jovens Saaraúis em refúgio na Argélia e na diáspora; 2) compreender as vivências das novas gerações e quais as suas perspetivas de futuro, tendo em conta o seu contexto atual (refúgio e diáspora); 3) analisar o impacto da Ação Humanitária no conflito e 4) compreender os imaginários políticos futuros dos jovens Saaraúis em situação de refúgio e na diáspora.

A metodologia utilizada para esta dissertação permitiu analisar os diferentes pontos de vista de alguns jovens Saaraúis que vivem nos campos em Tindouf e na diáspora, assim como as visões políticas de cada um, tendo em conta as suas interseccionalidades, como a idade, género e afiliações políticas.

A dissertação está dividida em 8 capítulos, sendo apresentado inicialmente o contexto histórico do Saara Ocidental, da Frente Polisário e da República Árabe Saarauí Democrática (RASD), seguida da contextualização política, na vertente das Relações Internacionais, assim como as propostas de resolução do conflito e os intervenientes no mesmo. De seguida, será feita

uma revisão da literatura já existente sobre os jovens Saarauís. A temática dos campos de refugiados será abordada no capítulo seguinte, onde serão identificadas as principais dificuldades sentidas pelos jovens, conforme retratado na literatura disponível, assim como o papel da Ação Humanitária no conflito e ainda a importância do fator gênero (neste caso as mulheres) nos mesmos. Posteriormente, serão apresentados os vários perfis de jovens Saarauís, consoante o seu local de residência, e a respetiva associação à causa Saarauí. Após descrita a metodologia utilizada no decorrer da dissertação e as limitações do estudo, serão apresentados os resultados da investigação, decorrentes das entrevistas realizadas e a posterior discussão dos mesmos.

Os resultados permitiram concluir que a agência política dos jovens é limitada, impedindo-os de influenciar decisões ou atuar na luta pela autodeterminação. Por outro lado, as dificuldades sentidas pelos jovens que vivem nos campos de refugiados, aliada à percepção de falta de uma agência política relevante, resulta numa resignação dos mesmos e na falta de perspectivas de futuro. Finalmente, o contexto da sua situação e a longevidade do conflito condicionaram as suas percepções sobre a melhor forma de solucioná-lo.



## CAPÍTULO 1

### Contexto Histórico

Para uma compreensão aprofundada do complexo contexto do conflito no Saara Ocidental e suas subsequentes ramificações, é necessário situá-lo cronologicamente e historicamente. No presente capítulo é analisada a origem e constituição do território que conhecemos atualmente como Saara Ocidental, as forças políticas emergentes durante o período de colonização e o atual governo Saarauí (RASD) em exílio na Argélia.

#### 1.1. Saara Ocidental

A história do Saara Ocidental remonta ao ano de 29 a.C, altura em que a zona do Magreb estava dividida em vários protetorados, com a colonização dos romanos sob o Norte de África. O território do Saara Ocidental, no entanto, não foi ocupado, estando independente do restante Império Romano (Mercer, 1976).

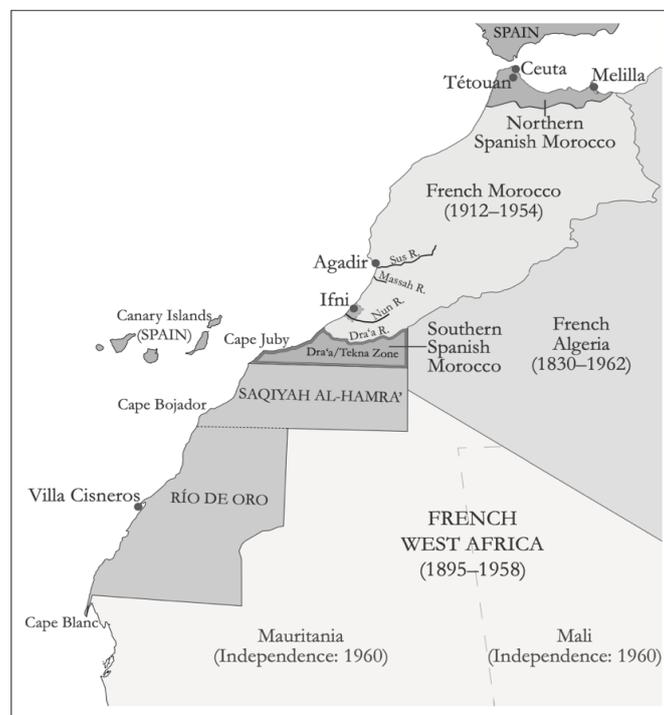
Mais tarde, a chegada de povos árabes ao continente africano por volta do ano 680 e de sociedades tribais como os beduínos *maquil*, deu início à primeira coligação de povos no Saara Ocidental, tendo sido estes os portadores do oficial dialeto Saarauí, *Hassaniya* ou árabe hassani.

Foi apenas no século XI que os *sanhaja*, antecessores dos Berberes, se estabeleceram no território (Kapur, 2019). O movimento *al-Murabitun*, criado em meados desse século, no atual Saara Ocidental e Mauritânia, conquistaram grande parte do Noroeste africano, sendo no século seguinte derrotados pelos *al-Muwahhidun*. (Zunes & Mundy, 2010). Estas diferentes tribos nómadas, com costumes e chefes distintos, partilhavam um território comum e formavam ocasionalmente alianças entre si. A influência árabe demarcou a região, tornando-se predominante nos séculos seguintes.

A presença europeia na região do deserto do Saara sentiu-se a partir do século XV, mas o interesse no Saara Ocidental proveio dos espanhóis, no século XIX. Tendo-se estabelecido previamente em Ceuta e Melilha (pertencentes a Marrocos), declararam em 1884 um protetorado sob a zona de *Río de Oro*, que teria sido aprovada pelos vários líderes das tribos que habitavam no Saara Ocidental. Dois anos mais tarde, foi anexada também a região de *Saguia el Hamra*. As fronteiras dos protetorados foram finalmente delimitadas em 1912, com

a assinatura de uma convenção franco-espanhola, para garantir os interesses franceses na Mauritânia. A Espanha tinha a soberania nas zonas de *Río de Oro* e *Saguia el Hamra*, administrando ainda a zona de Tekna, que pertencia a Marrocos. Em 1934, a França motivou a Espanha a anexar territórios no interior, com o objetivo de aí reter possíveis grupos considerados perigosos aos territórios franceses. A região assinalada na Figura 1 representa o Saara Espanhol (como era denominado na época da ocupação espanhola) e as regiões de Marrocos que estavam sob a sua administração (Zunes & Mundy, 2010).

**Figura 1.1.** O Saara Espanhol e zonas administradas por Espanha em Marrocos. Adaptado de Zunes & Mundy, 2010.



A colonização espanhola teve como principal consequência a sedentarização da população, que era nómada até então, nas três principais cidades: Dakhla, Smara e El Aiune.

Em 1955, a Espanha tornou-se um membro da Organização das Nações Unidas (ONU), o que implicou a adoção do processo de descolonização gradual, implementado em toda a organização. Assim, nos anos seguintes, adotou leis que procuraram resguardar a ligação colonial com o território do Saara Ocidental. Contudo, em 1963, este passou a fazer parte da lista da ONU de territórios não autónomos sujeitos a descolonização.

Em 1956, um grupo de militantes de Marrocos (independente desde esse ano) orquestrou um movimento anticolonial na Mauritânia, Saara Espanhol e Argélia. Foram travados por uma coligação franco-espanhola em fevereiro de 1958, a Operação *Ecouvillon*, que atuou no Saara Ocidental, e resultou na fuga de milhares de Saarauís para o sul de Marrocos, assim como para a Argélia e a Mauritânia (Drury, 2024). A partir desta operação, os movimentos independentistas ganharam força, e a 17 de junho de 1970 ocorreu a Intifada *al-Zamlah*, considerada como a primeira insurreição Saarauí, na cidade de El Aiune (Zunes & Mundy, 2010).

Em 1966, a Assembleia Geral da ONU referiu a necessidade de realizar um referendo que determinasse o estatuto do território do Saara Espanhol, realizando várias resoluções até 1973, onde o direito à autodeterminação do povo Saarauí era sempre viabilizado segundo a Resolução 1514 da ONU, que afirmava: “Todas as pessoas têm o direito à autodeterminação; por virtude desse direito, determinam livremente o seu estatuto político e procuram alcançar livremente o seu desenvolvimento económico, social e cultural.” (Assembleia Geral das Nações Unidas, 1960, p.67, traduzido pela autora). Contudo, o referendo foi adiado um ano depois, quando Marrocos e a Mauritânia realizaram reivindicações do território junto do Tribunal Internacional de Justiça (TIJ), que tinha a função de providenciar o seu parecer relativamente a duas questões:

I. Era o Saara Ocidental (*Río de Oro* e *Saguia el Hamra*) à altura da colonização por Espanha um território pertencente a ninguém (*terra nullius*)?

Se a resposta à primeira questão é negativa,

II. Quais eram os laços legais entre este território e o Reino de Marrocos e a entidade mauritana? (Assembleia Geral das Nações Unidas, 1974, p.104, traduzido pela autora)

Marrocos apresentou vários argumentos para justificar a sua soberania sobre o Saara Ocidental. O primeiro baseava-se em supostas alianças entre o Rei marroquino Hassan I e líderes Saarauís, estabelecidas durante visitas ao território em 1882 e 1886 (Zunes & Mundy, 2010). Além disto, referenciaram ligações de Hassan II ao profeta Maomé, que eram

reconhecidas por todos os habitantes da região, e lhe conferiam, portanto, uma autoridade divina sob a mesma. Por último, Marrocos apresentou vários documentos, entre eles um tratado assinado em 1895 com a Grã-Bretanha e o Tratado de Wad-Ras, assinado com a Espanha em 1860 para pôr um fim à Guerra de África.

Os interesses marroquinos iam além da reivindicação do Saara Ocidental. Marrocos tinha como objetivo supremo a ideia do “*Greater Morocco*”, que englobava não só o Saara Ocidental, mas também a Mauritânia e ainda partes da Argélia e do Mali, remontando assim ao Império *Sherifian* no século XVI, que possuía influências na região (Bahajoub, 2010). Esta ideia desenvolveu-se a partir da sua independência em 1956, e serviu como justificação para a posterior invasão do Saara Ocidental.

Os interesses da Mauritânia, por outro lado, eram inteiramente territoriais. De um ponto de vista económico, a ocupação de parte do Saara Ocidental, e conseqüentemente, de zonas do deserto, poderia trazer benefícios, como a exploração de petróleo ou outros minerais que pudessem enriquecer o país. As suas reivindicações eram mais fracas do que as de Marrocos, que alegava existirem laços culturais e étnicos, assim como o facto de a Mauritânia não ser um Estado livre aquando da colonização do Saara Ocidental (Bahajoub, 2010).

O parecer do TIJ, decretado a 16 de outubro de 1975, revelou que o território do Saara Ocidental não era considerado *terra nullius* antes da colonização espanhola, pertencendo a populações nómadas e agregadas socialmente em diferentes tribos. Relativamente aos argumentos apresentados por Marrocos, afirmou que:

(...) os materiais e informação apresentados não estabelecem qualquer laço de soberania territorial entre o território do Saara Ocidental e o Reino de Marrocos ou a entidade mauritana. Assim, o Tribunal não encontrou laços legais de qualquer natureza que poderá afetar a aplicação da resolução 1514 (XV) na descolonização do Saara Ocidental e, em particular do princípio da autodeterminação através da expressão livre e genuína da vontade das pessoas do território. (Tribunal Internacional de Justiça, 1975, p.68, traduzido pela autora).

Descontente com a decisão do TIJ, a 6 de novembro desse ano, Marrocos deu início à ocupação do Saara Ocidental com a “Marcha Verde”, onde 350 000 cidadãos marroquinos e 50 000 militares atravessaram a fronteira com o Saara Ocidental, para reivindicar o território. Os cidadãos marroquinos que participaram na marcha tinham sido prometidos empregabilidade e habitação no Saara Ocidental por parte do Rei Hassan, que apelou ao patriotismo dos marroquinos para executar este plano (Kapur, 2019). Marrocos pretendia “recuperar” aquilo que consideravam ser as suas províncias no Sul e impedir que fosse realizado o referendo para a autodeterminação do Saara Ocidental.

## **1.2. Frente Polisário e República Árabe Democrática Saaraui**

O movimento pela emancipação do povo Saaraui teve início vários anos antes da ocupação por parte de Marrocos. Em 1968 foi criada a *Organización Avanzada para la Liberación del Sáhara* (OALS), com o objetivo de lutar contra as injustiças sofridas pelo povo Saaraui nos territórios controlados por Espanha, e resolver o futuro incerto do Saara Ocidental (Gómez-Justo, 2013).

Em 1972, El-Uali Mustafa Sayed (considerado como um mártir e símbolo pela autodeterminação do Saara Ocidental), juntamente com um grupo de estudantes Saaraui, organizaram um protesto em Tan Tan, no sul de Marrocos, tornando-se um dos momentos basilares na história da Frente Polisário (ou *Frente Popular de Liberación de Saguia el Hamra y Río de Oro*), estabelecida a 10 de maio de 1973 (Drury, 2018). Ainda nesse mês, foi também criada a vertente militar da FP, o Exército de Libertação Popular Saaraui (ELPS).

Uma semana após a Marcha Verde, a 14 de novembro de 1975, foram assinados entre a Espanha, Mauritânia e Marrocos, os Acordos de Madrid, onde: “A Espanha alegadamente cedeu a administração do território a uma suposta administração provisória constituída por Marrocos e a Mauritânia, o que na realidade equivalia à renúncia aberta do território aos dois países.” (Liceras, 2014 como citado em Kapur, 2019, p.25, traduzido pela autora). Com este acordo, Marrocos assumiu o controlo de cerca de 2/3 do Saara Ocidental, a Mauritânia o restante 1/3 e a Espanha retirou-se, cessando oficialmente a sua autoridade administrativa no território a 26 de fevereiro de 1976. No dia seguinte, a Frente Polisário proclamou a RASD, tendo como primeiro Presidente El-Uali, líder da FP (Gómez-Justo, 2013).

Com o avanço das tropas marroquinas para outras cidades do Saara Ocidental, como El Aiune e as minas em Bou-Craa, o conflito entre as tropas marroquinas e a Frente Polisário escalou, resultando na fuga de milhares de Saarauís para Este do Saara Ocidental, em procura de refúgio, onde estabeleceram campos temporários no deserto. Estes foram vítimas de ataques por parte das tropas marroquinas, obrigando a população Saarauí a refugiar-se novamente, desta vez na Argélia, o seu mais antigo aliado (Kapur, 2019).

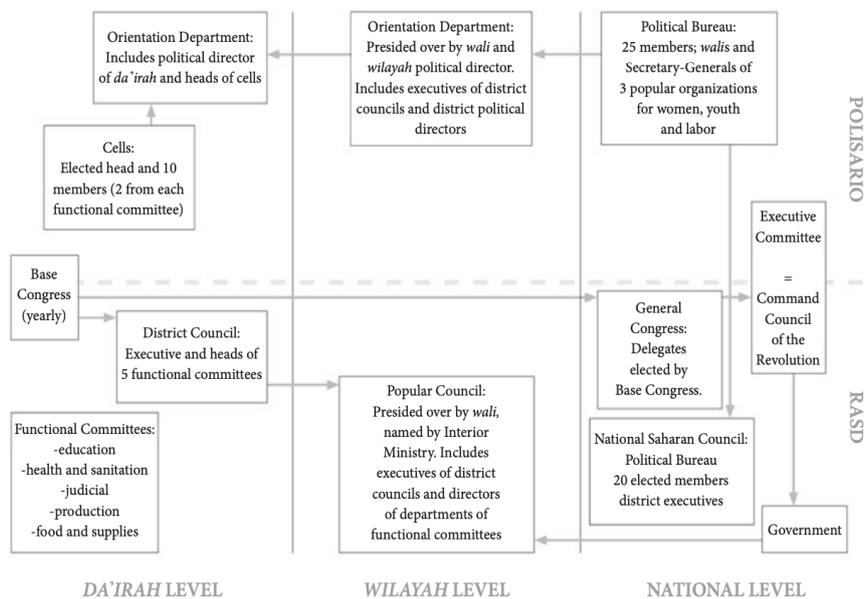
A Frente Polisário, semelhante a outros movimentos de libertação nacional, teve influências marxistas-leninistas, estando a ideia de revolução no núcleo dos mesmos. A organização deveria ser constituída por poucos membros e dirigentes, de forma a ser possível a sua clandestinidade, e diminuir a opressão da mesma (Gómez-Justo, 2013). Nos dois primeiros anos de existência, a FP era constituída por um comité executivo, o ELPS e as grandes organizações (das mulheres, jovens e trabalhadores).

As principais decisões tomadas pela FP acontecem nos Congressos Gerais, que se realizam, em regra, a cada 4 anos. O primeiro decorreu a 10 de maio de 1973 (no mesmo dia da sua formação) e, desde então, realizaram-se mais quinze, sendo o mais recente em 2023.

A Frente Polisário e a RASD são dois órgãos distintos, mas o Secretário-Geral da FP é simultaneamente o Chefe de Estado da RASD. Além disto, a FP tem soberania sob a RASD, pelo menos até à autodeterminação do Saara Ocidental, sendo, portanto, os representantes máximos do povo Saarauí (Gómez-Justo, 2013). Ambas estão sediadas nos campos, atuando como um Governo em exílio.

Ambas as entidades estão divididas pelos níveis de organização dos campos, ou seja, *Daira*, *Wilaya* e nível nacional. A figura 2 ilustra a divisão e organização da FP e da RASD, no ano de 1982, onde é observável a fusão de ambas em vários setores.

**Figura 1.2.** Organização da República Árabe Saaraui Democrática e da Frente Polisário (1982). Adaptado de Zunes & Mundy, 2010.



Durante o conflito, o ELPS, apesar de estar em minoria, foi conseguindo algumas vitórias, fazendo recuar as tropas marroquinas e mauritanas em algumas zonas. Este conflito teve, contudo, uma forte presença de atores externos, nomeadamente a França, Estados Unidos e a Argélia, cuja intervenção será analisada no capítulo 2.

Em 1977, a França, a pedido da Mauritânia, interveio diretamente no conflito, através de ataques aéreos ao ELPS (Kapur, 2019). Apesar do apoio de Marrocos e da França, o exército mauritano era incapaz de defender a parte do território que ocupou, retirando-se do conflito em 1979 e reconhecendo a RASD em 1985 (Wilson, 2016).

Por sua vez, Marrocos ocupou os territórios previamente administrados pela Mauritânia e adotou uma estratégia defensiva, iniciando em 1981 a construção de várias barreiras compostas maioritariamente por areia, que gradualmente se transformaram numa parede (também conhecida como “*the berm*”) de 2720 km, terminada em 1987. Esta tinha como objetivo limitar a liberdade de movimento da FP e o seu acesso a recursos urbanos, minerais e água. Atualmente, esta parede divide a zona ocupada do Saara Ocidental dos territórios libertados, controlados pela Frente Polisário e está reforçada por mais de 7 milhões de minas e entre 100 000 – 150 000 soldados marroquinos ao longo de todo o seu comprimento (Kapur, 2019).

Desde 1976, a RASD foi reconhecida e estabeleceu relações diplomáticas com mais de 70 estados e, em 1984 tornou-se membro da Organização da Unidade Africana (OUA), conhecida mais tarde como União Africana. No entanto, não possui qualquer estatuto oficial por parte da ONU.

## CAPÍTULO 2

### **Contexto Político e Relações Internacionais**

O conflito do Saara Ocidental tem sido marcado pela intervenção de diversos atores externos, cujos interesses políticos e relações internacionais moldam as dinâmicas da disputa territorial. Desde 1975, foram vários os intervenientes envolvidos e o seu apoio, a Marrocos ou ao Saara Ocidental, reflete as agendas políticas e estratégicas de cada nação.

Neste capítulo serão analisadas as posições dos principais intervenientes e a sua influência nas tentativas de resolução do conflito, cujo alcance de um consenso continua a ser um desafio.

#### **2.1. Propostas de Resolução do Conflito e Cessar Fogo**

Após a retirada espanhola do conflito, a OUA tomou o controlo do processo de paz, até meados da década de 1980, quando Marrocos se retirou como membro da mesma. Em julho de 1979 apresentaram um plano de assentamento baseado no cessar-fogo, com a consequente retirada de forças armadas e eventualmente, a realização de um referendo. O rei de Marrocos acabou por consentir dois anos mais tarde com um referendo organizado pela OUA e a ONU, tendo sido criado um comité de implementação, que não foi capaz de estabelecer consenso entre as partes (Zunes & Mundy, 2010).

O eleitorado para o referendo seria decidido através dos censos realizados por Espanha em 1974 e pelo Alto-comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) nos campos de refugiados em Tindouf, podendo assim todos os Saarauís maiores de idade optarem entre a integração com Marrocos, ou a autodeterminação do Saara Ocidental. A FP queria que apenas os Saarauís que constavam dos censos e os seus descendentes diretos fossem considerados. Marrocos considerava que estes estavam desatualizados e não tinham em consideração Saarauís nativos que tinham fugido durante o colonialismo espanhol. Este foi o maior obstáculo para a realização do referendo durante a década de 1990, tendo em conta a falta de consenso entre Marrocos, a FP e a ONU.

Apesar de ambas as partes do conflito terem criticado o plano, o Conselho de Segurança criou a Missão das Nações Unidas para o Referendo no Saara Ocidental (MINURSO), com a

duração inicial de 46 semanas. Seria estipulado um “Dia D”, que daria início ao cessar-fogo e ao começo do período transitório, e passadas 20 semanas, seria realizado o referendo. A partir do Dia D, o representante da MINURSO ficaria encarregue de todos os assuntos relativos ao referendo, e após o mesmo, existiria uma fase de 6 semanas, onde dependendo do resultado, Marrocos ou a FP se iriam retirar.

A MINURSO foi alvo de grandes críticas devido à sua alegada incapacidade de cumprir com os seus objetivos iniciais, e à sua influência por parte de Marrocos, tendo a *Human Rights Watch* afirmado que: “Marrocos, que é a mais forte das duas partes, tanto militarmente como diplomaticamente, tem regularmente adotado condutas que obstruíram e comprometeram a imparcialidade do processo do referendo.” (Ziai, 1995 como citado em Zunes & Mundy, 2010, p.203, traduzido pela autora).

Em 1997, após poucos progressos no processo da resolução do conflito, Kofi Annan, novo Secretário-Geral da ONU, indicou James Baker, Secretário de Estado dos Estados Unidos da América (EUA), para tratar das negociações. Nesse ano foram assinados os Acordos de Houston, o primeiro documento firmado entre Marrocos e a FP, que catapultou novamente o processo de identificação de eleitores.

Baker tinha apontado a realização do referendo para o final do ano seguinte, pressupondo que a MINURSO retomaria o processo de identificação de eleitores, que apresentou novamente problemas. O Conselho de Segurança decidiu assim afastar-se dos Acordos de Houston e optar por um acordo de autonomia; desta forma, ambas as partes do conflito teriam algo a ganhar com a resolução do mesmo, ao contrário que com o referendo, as opções seriam o *status quo*, ou o regresso ao conflito armado. A delegação marroquina tinha demonstrado interesse numa alternativa aos Acordos de Houston, contrariamente à FP.

Em 2001, foi apresentado o primeiro Plano Baker/ *Framework Agreement*, que pretendia delegar o controlo das relações externas a Marrocos, e a maioria dos assuntos internos ao governo autónomo do Saara Ocidental, sendo realizado um referendo após 5 anos da sua implementação. Para participar na votação, o eleitor teria de viver no Saara Ocidental há 1 ano, o que favorecia imensamente Marrocos, que poderia deslocar cidadãos para os territórios ocupados, e assim influenciar os resultados.

Por não terem conseguido chegar a um consenso, o segundo Plano Baker/ *Peace Plan for the Self-Determination for the People of Western Sahara* foi apresentado em 2003. Semelhante ao primeiro plano, pretendia implementar um período de autonomia de 5 anos, seguido por um referendo final. Contudo, este referendo possibilitava apenas as opções de integração e independência, e ao contrário do primeiro plano, limitava a lista de eleitores “(...) oferecendo, assim, explicitamente à Polisário uma oportunidade de alcançar a independência.” (Zunes & Mundy, 2010, p.230, traduzido pela autora). Mais uma vez, Marrocos rejeitou a opção final de independência do Saara Ocidental no referendo, apresentando várias contrapropostas.

Marrocos apresentou o seu próprio plano de autonomia em 2007, onde a autodeterminação do Saara Ocidental não era uma opção, existindo uma Região Autónoma do Saara, com um governo local, que por sua vez era governado por Marrocos.

Em 2010, o campo de Gdim Izik, perto de El Aiune, foi destruído por forças marroquinas, o que resultou em vários confrontos e dificultou as negociações entre as duas partes. Este campo tinha sido construído como forma de protesto pela marginalização que os Saarauís sentiam (Amnistia Internacional, 2010).

Em 2016 ocorreu a primeira crise na zona de Guerguerat, localizado no extremo Sudoeste do Saara Ocidental, perto da fronteira com a Mauritânia. Tropas marroquinas foram mobilizadas para esta zona estrategicamente e comercialmente importante, o que foi visto pela FP como uma provocação, que enviou também tropas para a região. Em fevereiro de 2017, Marrocos afirmou que retiraria as tropas, se a FP fizesse o mesmo, evitando-se uma crise naquele momento (Rodríguez, 2018). Um ano mais tarde, a situação repetiu-se, e em 2020 apoiantes da FP bloquearam as estradas na zona de Guerguerat durante 3 semanas, como forma de protesto face às ações de Marrocos, que por sua vez enviaram novamente tropas para a região. A FP respondeu com ataques às unidades marroquinas, quebrando-se o cessar-fogo a 13 de novembro de 2020 e reatando o conflito armado, que se mantém desde então.

A falta de um Enviado Pessoal do Secretário-Geral da ONU de 2019 a 2021, após a demissão do antigo presidente alemão Horst Köhler introduziu um novo entrave às negociações (International Crisis Group, 2021), que desde então não registaram avanços significativos.

Na mais recente edição da EUCOCO (Conferência Europeia de Apoio e Solidariedade com o Povo Saharai), que reuniu parlamentares, sindicalistas, ativistas e organizações de apoio

ao Saara Ocidental, foi sublinhada a realização imperativa de um referendo para a autodeterminação, assim como a elaboração de um plano de mobilização internacional para o mesmo. Além disto, apelou-se à libertação dos presos políticos Saarauís, nomeadamente de Gdeim Izik e a denúncia aos governos dos EUA, Espanha e França, pelo apoio contínuo a Marrocos (Por un Sahara Libre, 2024).

## 2.2. Intervenientes no Conflito

O conflito pode ser analisado em três níveis: local, regional e internacional. O primeiro nível refere-se exclusivamente a Marrocos e ao Saara Ocidental; regionalmente é adicionada a influência da Argélia e internacionalmente são incluídos todos os outros países que intervieram (ou tentaram) no conflito (Zunes & Mundy, 2010).

A Argélia é indubitavelmente o interveniente mais importante, não só pelo seu apoio à autodeterminação do povo Saarauí, mas também pelas tensões pré-existentes com Marrocos, relativamente a regiões fronteiriças que ambos os países disputavam. A fronteira argelina-marroquina foi finalizada em 1972, com a assinatura de um tratado.

As relações diplomáticas entre os dois países melhoraram até 1975, quando a Argélia apoiou a FP após a Marcha Verde. Este apoio não foi imediato, tendo o então Presidente Houari Boumédiène defendido a soberania de Marrocos e da Mauritânia após o tratado de 1972, apoiando mais tarde o direito da autodeterminação do Saara Ocidental no TIJ.

Marrocos sempre sustentou que o apoio da Argélia ao Saara Ocidental era exclusivamente para adquirir hegemonia regional, uma vez que: “A Argélia tinha vantagens distintas dada a sua dimensão territorial, a diversidade dos seus recursos e a intensidade da sua colonização (por exemplo, infraestruturas e educação).” (Zunes & Mundy, 2010, p.41, traduzido pela autora), sendo um dos objetivos do “*Greater Marroco*” a reparação deste desequilíbrio. Por outro lado, a anexação do Saara Ocidental por parte de Marrocos afetaria igualmente a Argélia, que se tornaria menos influente no Norte de África.

Biskri e Guattas (2022) sustentam esta tese, uma vez que enquanto Marrocos estiver absorvido no contexto Saarauí, não estará preocupado com a sua extensão territorial, nomeadamente para a Argélia. Ambos os países competem pela hegemonia no norte africano,

pelo que o Saara Ocidental constitui um tópico relevante para possibilitar o adiantamento desta supremacia por um dos países.

Outra possível tese sobre o apoio argelino à autodeterminação do Saara Ocidental está relacionada com o seu consequente acesso aos recursos naturais daquela zona, mais concretamente o Oceano Atlântico, possibilitando a exportação de hidrocarbonetos e minerais. Foi apresentada uma proposta da Argélia em 2001 para a construção de um corredor que uniria a zona de Tindouf diretamente ao Oceano Atlântico, que foi rejeitada pela FP. A política argelina referente ao Saara Ocidental mantém-se constante desde 1975, tendo apoiado em diversas ocasiões as atividades da FP/RASD, providenciando ajuda humanitária aos refugiados Saarauís e armamento militar ao ELPS.

No outro lado do conflito, a França e os EUA apoiam Marrocos desde o início da década de 1960, uma vez que: “O controlo do Saara Ocidental por Marrocos, por sua vez, é considerado uma condição necessária para a sobrevivência do regime.” (Zunes & Mundy, 2010, p.59, traduzido pela autora), tendo em conta a suposta ameaça que o nacionalismo Saarauí representa para a integridade do regime marroquino.

Os EUA financiaram o conflito durante décadas, fornecendo armamento a Marrocos a partir de 1980 e na administração de Ronald Reagan, as ligações diplomáticas e o contacto com a FP foram cortadas, sublinhando o apoio contínuo a Marrocos. Com o fim da Guerra Fria, os interesses americanos mudaram, e foi adotada novamente uma posição de neutralidade, apoiando o plano da ONU sobre a realização do referendo.

Apesar de serem juridicamente neutros, antes do final da primeira administração de Trump, os EUA passaram a apoiar oficialmente a soberania de Marrocos sobre o Saara Ocidental, defendendo que um estado Saarauí não era viável para a resolução do conflito (Kestler-D’Amours, 2020), sendo esta decisão parte de um acordo tripartite com Israel (Henneberg & Ghoulidi, 2023). A presidência de Biden não reverteu esta decisão e, com a reeleição de Donald Trump, as tensões poderão aumentar no futuro, após avisos de ataques militares por parte da FP, caso Marrocos receba apoio dos EUA e da França (Marks, 2024), que se tornou no mais recente país a apoiar a autonomia marroquina no Saara Ocidental, juntando-se à Espanha e a cerca de outros 28 países (The Economist, 2024).

A França disponibilizou armas desde o início do conflito, sendo o único Estado que interveio militarmente no mesmo, com a Operação *Lamantin* (1977). O Plano Baker de 2001 requeria não só as assinaturas de ambas as partes do conflito, como também dos EUA e da França. Quando este foi reprovado por Marrocos, a França utilizou a sua posição no Conselho de Segurança da ONU para impedir que a proposta de 2003 fosse aprovada, sublinhando novamente a sua influência (Zunes & Mundy, 2010).

A Espanha é o terceiro grande interveniente externo do conflito, tendo sido a potência colonizadora do Saara Ocidental. Os seus interesses prezam, semelhantemente à França e aos EUA, a estabilidade de Marrocos, principalmente pela sua proximidade geográfica no Estreito de Gibraltar. Ambos os países estão ligados pelos territórios de Ceuta e Melilha, cidades autónomas espanholas no território marroquino, pelo que, pela segurança dos mesmos, é importante para Espanha manter boas relações com Marrocos.

Em 2003, a Espanha apoiou a implementação do Plano Baker, o que afetou as suas relações com Marrocos. No ano seguinte, com a partida de Baker, a Espanha assumiu o controlo do processo de paz e estabeleceu conversas entre ambas as partes do conflito, assim como a Argélia, de forma a ser alcançado um consenso, que não ocorreu.

Os interesses franceses e espanhóis influenciam também a inação por parte da U.E no conflito. Em 2006, foi assinado um acordo de pesca entre Marrocos e a U.E, cuja legalidade foi questionada, uma vez que abrange território marítimo do Saara Ocidental, o que sustenta a tese de que a U.E assume uma posição no conflito, apoiando os interesses marroquinos (San Martín, 2006).

A Mauritânia tem, desde 1979, uma posição neutra e positiva no conflito, pelo receio de conflito armado perto das suas fronteiras, uma vez que a zona de Guerguerat está localizada perto de uma longa via ferroviária utilizada para exportações do país (Biskri & Guattas, 2022).

Recentemente, a Rússia tem sido apontada como um novo participante no conflito. Sendo já a principal fornecedora de armas à Argélia, tem-se envolvido mais na zona do Magreb nos últimos anos, especialmente no conflito marroquino-saarauí. O seu interesse é essencialmente geopolítico, uma vez que pretende estabelecer a sua influência económica e política na região, competindo com as outras potências existentes na região, como os EUA, França e China. Apoiam assim a proposta da ONU para a realização do referendo para a

autodeterminação Saaraí, divergindo da opinião americana, o que influencia também o impasse de uma resolução para o conflito, sendo ambos os países membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU.



## CAPÍTULO 3

### Revisão da Literatura

Neste capítulo são apresentados os conceitos e referências mais relevantes para a presente dissertação, abordando-se o contexto dos jovens Saarauís, do conflito da RASD e a realidade vivida pela população Saarauí refugiada nos campos de Tindouf, na Argélia, assim como as advertências identificadas pelos mesmos, resultantes da vida nos campos.

O estudo realizado por Plaza e Fernández (2017) pretendeu executar uma análise qualitativa e quantitativa nas várias dimensões que influenciam as vidas dos jovens Saarauís refugiados nos campos em Tindouf, tendo por base a percepção e experiência dos mesmos, captada através de várias entrevistas. Puderam assim identificar os tópicos mais problemáticos do dia-a-dia destes jovens, e estabelecer uma base para futuras intervenções e melhorias, através de políticas e estratégias neste âmbito.

Os autores constataram que:

Coexiste, assim, uma passagem da sociedade tradicional Saarauí, fundamentada nos valores da sua cultura ancestral, para uma pseudomodernidade que deriva da chamada “cultura global” e que se sobrepõe ao processo de transição do período de guerra para o atual período de paz. (Plaza & Fernández, 2017, p.27, traduzido pela autora)

identificando uma sociedade moderna progressivamente mais individualista, que desconhece a realidade do confronto militar. Defendem a existência da transição de uma sociedade tradicional, onde imperavam os valores da solidariedade e entreaajuda comunitária, para uma sociedade onde o foco económico é a família, como unidade solitária. É observável uma discrepância entre as famílias residentes nos campos de refugiados em Tindouf: enquanto algumas possuem rendimentos próprios, outras são estritamente dependentes da ajuda humanitária disponível.

Para Plaza e Fernández, o problema central da comunidade Saarauí é resultado da: “(...) tripla situação de desenraizamento: território ocupado por Marrocos, exílio forçado nos campos

de concentração na Argélia e diáspora em diferentes países do mundo.” (Plaza & Fernández, 2017, p.57, traduzido pela autora) e segundo os quais, pode ser solucionada apenas pela independência do Saara Ocidental.

Relativamente aos jovens entrevistados neste estudo, alguns defendem que a causa Saarauí está estagnada e que é imperativo um estímulo que possibilite a continuidade da luta e resiliência da população. As principais necessidades identificadas pelos mesmos foram a criação de postos de emprego e formação académica, assim como a intervenção na cultura e lazer nos campos.

Lourenço (2019) sublinha também o impacto da formação nas crianças e jovens Saaraúis que vivem nos territórios ocupados, defendendo que o Direito Internacional dos direitos humanos, responsável pelo direito à educação, não está a ser aplicado neste contexto. Deste modo, as taxas de abandono escolar são superiores, o que, por conseguinte, deriva num menor progresso para níveis de educação mais elevados.

Através do trabalho de campo realizado durante 5 anos, Lourenço pretendeu colmatar a lacuna da falta de informação nos territórios ocupados, e ao longo do seu estudo, relata a violência sofrida por jovens Saaraúis, desde a infância e durante todo o percurso escolar, assim como noutros contextos do dia-a-dia.

Conclui que apesar de não existir um conflito armado, por resultado do cessar-fogo (efetivo à data de publicação do ensaio): “Crimes de guerra como tortura, violência sexual, a inserção de colonizadores, apartheid nas suas diferentes formas e discriminação, entre outros, estão presentes e são praticados diariamente pelas autoridades marroquinas, não poupando nem crianças nem estudantes, como documentado neste relatório.” (Lourenço, 2019, p. 27, traduzido pela autora). Menciona também que a inexistência de um referendo por parte da ONU contradiz o seu mandato, juntamente com o da MINURSO.

Dafa e Fiddian-Qasmiyeh (2023) analisam no seu estudo a forma como as “crises”, nomeadamente os casos dos refugiados, são retratados no ponto de vista dos mesmos, focando-se no caso da população Saarauí em deslocamento prolongado. As autoras defendem que o estatuto de deslocamento prolongado atribuído aos Saaraúis na Argélia resultou de uma crise de refugiados que passou a ser banalizada, não só pela posição geopolítica do Saara Ocidental e a duração do conflito, mas também pela: “(...) pouca significância política e por ser “não

ameaçador” quando comparado com conflitos em curso noutras áreas do Norte de África e do Médio Oriente.” (Dafa & Fiddian-Qasmiyeh, 2023, p. 48, traduzido pela autora).

Identificam o problema da educação como uma das primeiras adversidades sofridas aquando do estabelecimento nos campos de refugiados, resultando num exílio das crianças durante vários anos, que completavam a escolaridade noutros países, como Cuba, onde possuíam mais oportunidades. Apesar destas vantagens, a falta de ligação aos campos e a necessidade de readaptação à cultura Saarauí aquando do seu regresso são algumas das consequências inerentes à migração dos jovens.

Kapur (2019) analisa o contexto dos Direitos Humanos dos jovens nascidos depois de 1980, após a ocupação marroquina do Saara Ocidental. Refere que os jovens Saarauís têm vivido mais intensamente as repercussões da guerra (devido aos campos com minas remanescentes por exemplo), e que as suas vidas são mais condicionadas. O seu estudo aborda 4 contextos dos jovens Saarauís: os que habitam nos territórios ocupados, na diáspora, nos campos em Tindouf e nos territórios libertados. Menciona ainda a escassez de alimentos e água disponível nos campos, o que aumenta a sua vulnerabilidade e afeta diretamente a sua saúde física e mental.

A autora conclui que a ocupação por parte de Marrocos constitui a violação de vários Direitos Humanos, que resultam da impossibilidade de independência e soberania por parte do povo Saarauí. Defende que a violação do direito à autodeterminação é a principal razão pelo atual contexto de dispersão de Saarauís em várias localizações, assim como o maior impedimento ao exercício pleno dos direitos pelos jovens. Além disto, reconhece a impossibilidade de resposta por parte da RASD a todas as necessidades da população, devido aos escassos recursos económicos disponíveis, sendo um governo estabelecido em exílio. Um outro fator que perpetua esta dificuldade é a exploração de recursos naturais no Saara Ocidental por parte de Marrocos, considerada ilegal pela Comissão da União Africana (Kapur, 2019).

No contexto político, Fiddian-Qasmiyeh (2012) analisa as estratégias utilizadas pela FP na mobilização de certas crianças e jovens Saarauís residentes nos campos e na diáspora para promover a causa Saarauí. Comparando ambos os contextos, e utilizando métodos desenvolvidos por Adamson (2010), determina que certos traços que os estudantes na diáspora possuem, assim como fatores existentes neste ambiente são mais interessantes para a FP, ao

contrário dos jovens residentes nos campos, uma vez que facilitam a sua mobilização para a causa.

Fiddian-Qasmiyeh (2012) sugere que jovens cujas infâncias e juventudes foram passadas em Cuba ou na Síria, tiveram um acompanhamento e educação constante sobre o conflito por parte de “mentores” representantes da Frente Polisário. Estes jovens são mobilizados para o ativismo Saarauí, com o intuito de assegurar a continuidade dos benefícios recebidos por entidades externas. Os jovens cujos ideais não estão alinhados com os da FP, raramente vocalizam estas opiniões, de forma a perpetuar o papel da mesma na causa Saarauí, assim como os financiamentos recebidos (Fiddian-Qasmiyeh, 2012).

Zunes e Mundy (2010) ressaltam a importância do conflito (e de uma resolução do mesmo) para a união do Norte de África, uma vez este afeta: “(...) não apenas a estabilidade dos interesses de segurança da vertente ocidental do mundo Islâmico, mas também interesses numa região trans-Saarauí-Sahel estável, que é aparentemente um ponto estratégico na guerra dos EUA contra o terrorismo.” (Zunes & Mundy, 2010, p. 260, traduzido pela autora).

Os autores afirmam que a ocupação marroquina no Saara Ocidental constitui uma das maiores transgressões do Direito Internacional pós Segunda Guerra Mundial, sublinhando a sua ineficácia e inaplicabilidade desde 1975. Referem ainda a inação do Conselho de Segurança da ONU relativamente ao não cumprimento da Carta da ONU, por parte de Marrocos, especificamente nas leis referentes ao uso de força (*jus ad bellum*) e à guerra (*jus in bello*).

Reis (2022) analisa o cruzamento de várias vertentes da mobilidade da juventude Saarauí: desde as *Vacaciones en Paz*, a migrações, nomadismo, educação e as diferenças entre as perspetivas dos jovens Saaraúis que saíram dos campos, em comparação com as gerações anteriores, que permaneceram nos mesmos. Apesar destas mobilidades terem surgido como algo temporário e com o objetivo inicial de educar os jovens Saaraúis para mais tarde regressarem aos campos, esta agenda foi-se alterando com os anos. Reis afirma que estes jovens continuam a participar na causa, mas de uma forma remota, sendo frequente a sua permanência na diáspora, após usufruírem da migração sustentada pela continuidade dos estudos, como uma estratégia na prospeção de uma vida melhor.

Biskri e Guattas (2022) analisam a magnitude do conflito no Saara Ocidental, desde a sua origem, às razões por detrás da sua irresolução nas últimas décadas. Os autores apontam a

ineficácia da ONU na resolução do conflito não só pela complexidade deste, mas pelos interesses de outras potências mundiais na sua continuidade. Referem, também, as razões pelas quais o referendo para a solução do conflito não foi concretizável, dividindo-as em dois setores: jurídico-processuais e políticas. O primeiro tipo está relacionado com a dificuldade em determinar quantos eleitores seriam elegíveis para a votação do referendo, e quem seriam, visto que a identidade Saarauí foi questionada várias vezes pelo Governo marroquino. As razões políticas prendem-se no facto do referendo ser um processo demorado, o que é vantajoso para Marrocos, e permite o estabelecimento de relações e apoios políticos que sustentem a sua causa de soberania no território. Os autores analisam, ainda, as possíveis vantagens de um prolongamento na resolução do conflito para a Frente Polisário, citando o trabalho de Mohsen-Feinan (2004). Neste estudo, Feinan refere que a FP está associada diretamente à luta pela independência Saarauí; desta forma, pretende primeiramente assegurar uma boa probabilidade de sucesso no resultado do referendo, antes deste ser realizado. Por outro lado, nem o Governo marroquino nem a FP estão suficientemente debilitados para abdicar do confronto, significando assim que nenhum dos dois pactuará com o resultado do referendo.

A faixa etária mais jovem e a sua agência são imensamente relevantes nos conflitos, e o interesse pelo seu estudo aumentou após a Primavera Árabe em 2010/2011. Sika (2021) analisa a relação entre a política económica dos Governos e o seu impacto nos jovens. As alterações sociais, económicas e políticas que ocorrem devem ser estudadas especificamente na ótica destes jovens, de forma a melhorar a compreensão da sociedade, como um todo. As diferentes interseccionalidades dos Saarauís, e mais especificamente, os jovens Saarauís, são também objeto de interesse no estudo dos mesmos. É essencial identificar os múltiplos perfis de jovens Saarauís, desde o seu local de residência (nos campos, diáspora, territórios ocupados do Saara Ocidental ou nos territórios libertados), às diferentes idades, contextos socioeconómicos e sociopolíticos. Além disto, o seu ativismo político, ou isenção do mesmo, é outro ponto de análise no contexto Saarauí.

Bohrer (2023) refere no seu estudo a forma como as políticas de identidade e as suas interseccionalidades possuem materiais que representam a luta identitária, ou seja, a dificuldade existente no reconhecimento da identidade como um marco emblemático numa comunidade. A autora defende que a tradição interseccional vai além do conceito de identidade, afirmando que: “O trabalho da libertação envolve muito mais do que uma relação complexa com a identidade; envolve também questões de cariz organizacional, consciencialização, construção de

comunidade, formação de coalizões, recuperação de traumas, redistribuição coletiva e reparação global.” (Bohrer, 2023, p.180-81, traduzido pela autora).

Murphy e Omar (2013) utilizam o caso do protesto no acampamento de Gdeim Izik, em 2010, como exemplo da relação entre a resistência e a identidade Saarauí. Este local é descrito pelas autoras como um cruzamento de componentes socioculturais, espaciais e discursivos de um protesto em massa, sem precedentes. Servindo como lugar de resistência coletiva, o acampamento de Gdeim Izik proporcionou a materialização da identidade nacional Saarauí, convertendo-se de um ato espontâneo para uma demonstração da coletividade dos mesmos. A localização deste protesto é também estudada pelas autoras, defendendo que o facto de ter ocorrido fora da periferia urbana representa a vontade do povo Saarauí em distanciar-se do controlo associado às cidades e à ordem pública, aludindo deste modo à ocupação contínua da qual são vítimas, assim como à falta de direitos políticos e socioeconómicos. Este caso reflete a possibilidade de os “oprimidos” ou vítimas conseguirem utilizar o protesto pacífico como ferramenta na resistência e luta anticolonial.

Tendo o cessar-fogo de 1991 terminado em 2020, é expectável que surjam novas atualizações do conflito no Saara Ocidental, simultaneamente com novas teorias sobre possíveis resoluções do mesmo. Este contexto está interligado com a agência política dos jovens Saaraúis, sendo assim abordado em maior detalhe nos subseqüentes capítulos da presente dissertação.

## CAPÍTULO 4

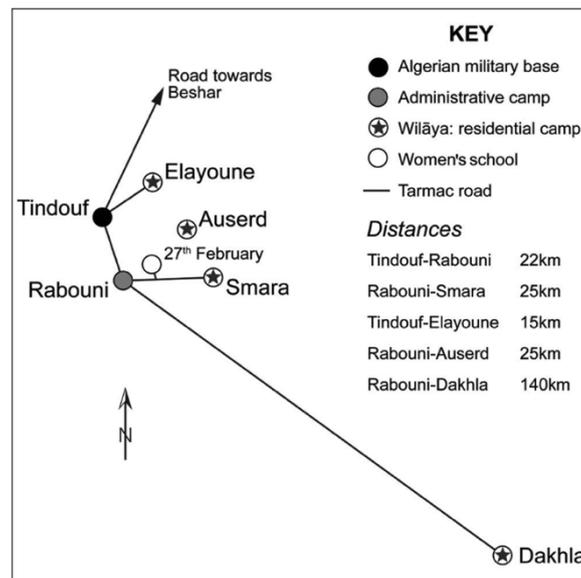
### Campos de Refugiados Saarauís

Com a ocupação por parte de Marrocos e da Mauritânia, milhares de Saarauís foram obrigados a sair das suas cidades, em procura de refúgio. Deslocaram-se assim para a região de Tindouf, na Argélia, onde já habitavam vários Saarauís desde a contrainsurgência franco-espanhola de 1957-58.

Inicialmente, os campos eram constituídos por várias tendas dispersas, visto que o seu objetivo era serem temporários, até ser possível o regresso ao Saara Ocidental. Cada tenda correspondia a uma família, e com o desenrolar do conflito, estes evoluíram para os 5 campos existentes atualmente, que segundo o ACNUR, tinham em 2017, 173 600 habitantes (Kapur, 2019).

O sistema de organização dos campos está estruturado em vários níveis, sendo o primeiro o bairro (ou *hayy*) que é composto por cerca de 200 tendas. Estes bairros podem ainda ser subdivididos em vários *khaliyah*, constituídas por 12-15 pessoas, onde são organizadas pequenas atividades de grupo e discutidos tópicos que serão futuramente discutidos no *hayy*. O nível seguinte é a *daira*, formada por 4 *hayys*; possui um concelho, onde os representantes são eleitos pelas *hayys*, assim como um representante executivo em níveis superiores. Os 5 campos formam conjuntamente uma *wilaya*, e têm o nome das principais cidades no Saara Ocidental, sendo estes El Aiune, Auserd, Smara, Dakhla e Bojador, sendo estabelecidos a cerca de 30km de Tindouf. Existe ainda um 6º campo mais pequeno, denominado 27 de fevereiro, construído à volta de uma escola para raparigas com o mesmo nome, como é possível observar na Figura 4.1.

**Figura 4.1.** Campos de Refugiados Saarauís na zona de Tindouf, Argélia (2011). Adaptado de Alice Wilson (2016).



Os campos de refugiados são considerados como um caso de sucesso no contexto do sistema humanitário atual, sendo os refugiados considerados frequentemente como “ideais”, devido às: “(...) estruturas políticas democráticas Saarauís, os elevados níveis de participação feminina nas esferas e instituições sociopolíticas e, no geral, a determinação dos Saarauís em serem cidadãos-refugiados autossuficientes dentro do estado em exílio da RASD.” (Fiddian-Qasmiyeh, 2011, p.14, traduzido pela autora). Esta “normalização” e louvor do caso dos refugiados Saarauís pode ser considerado prejudicial, uma vez que tende a desconsiderar a situação de deslocamento prolongado dos mesmos, assim como uma possível solução para o conflito. Fiddian-Qasmiyeh (2011) defende que esta idealização é também um resultado da falta de controlo e observação das necessidades dos campos, por parte de organismos internacionais.

A longevidade dos campos resultou em melhorias das infraestruturas: a população Saarauí foi deixando gradualmente de viver nas *haimas* (tendas) e construindo casas de adobe, como forma de resistir aos verões severos de Tindouf. As *haimas* representam o lar em exílio dos Saarauís e também a temporariedade da sua estadia nos campos. Como resultado deste desenvolvimento, houve um crescimento na economia nos campos desde o cessar-fogo de 1991, visto que os homens já não estavam na frente de combate. Nos primeiros anos após o seu estabelecimento, as famílias não possuíam bens suficientes para existir uma economia de mercado, mas com os apoios dos Saarauís que vivem na diáspora, assim como de pensões pagas

por Espanha a ex-combatentes Saarauís do exército colonial, foi possível um desenvolvimento da mesma.

Durante a década de 1990, com a previsão do referendo, o investimento nos campos não era tão notável, pois a população previa o retorno ao Saara Ocidental. Contudo, a partir de 2000, e sem uma solução à vista, optaram por tornar a sua vida nos campos o mais cómoda possível, ocorrendo assim um maior investimento no estabelecimento de pequenos negócios. Herz (2013) refere como o fim do conflito armado e uma maior segurança nos campos fez diminuir a pressão para encontrar uma solução, sendo substituído pela arquitetura e planeamento dos mesmos.

O uso e fluxo de dinheiro nos campos aumentou com as mesadas providenciadas pelas famílias de acolhimento das *Vacaciones en Paz*, um programa de verão onde as crianças Saarauís que vivem nos campos visitam Espanha, onde são recebidas por famílias de acolhimento. Estas famílias espanholas visitam, por vezes, os campos, contribuindo diretamente na economia. Existe ainda uma economia informal baseada no contrabando de bens através da fronteira com a Mauritânia, como comida, roupa, tabaco e ainda automóveis (Martín, 2017).

Este desenvolvimento trouxe, simultaneamente, consequências nefastas e disparidades económicas entre a comunidade, uma vez que nem todos os refugiados possuem os mesmos meios para poderem investir em pequenos negócios ou adquirir bens nos mercados locais. O aumento destas desigualdades afeta diretamente as novas gerações, assim como as oportunidades dos jovens Saarauís. Num contexto social, é observável a passagem da ideia de solidariedade na comunidade para o conceito de propriedade.

Os campos representam assim o limbo em que os Saarauís vivem, entre a resistência da atualidade e a esperança e vontade de liberdade. Funcionam como um treino para o futuro Estado Saarauí, aquando da independência, onde são desenvolvidas as instituições que lhes permitirão mais tarde governar o Saara Ocidental. Torna-se num lugar simbólico para a convergência de vários pontos de encontro, tanto da sua vulnerabilidade, como do seu empoderamento, permitindo a elaboração do sujeito político desta comunidade, a partir do qual estabelecem formas de o alterar.

## 4.1. Papel da Ação Humanitária nos campos

Desde o seu estabelecimento e devido à falta de condições existentes, a autossuficiência dos campos é impossível, sendo que, atualmente, 80% dos refugiados necessitam de ajuda humanitária para a sua alimentação diária (ECHO, 2018). Devido à autogovernança dos campos pelo povo Saarauí, qualquer ajuda humanitária existente atua através do Crescente Vermelho Saarauí, ou de um ministério da RASD, e é distribuída pela própria população. O governo argelino cedeu a autoridade total dos campos à RASD/FP, sendo estes os únicos que estabelecem contacto com os habitantes (Fiddian-Qasmiyeh, 2011).

A UE é uma das maiores fornecedoras de ajuda, através da Direção-Geral da Proteção Civil e das Operações de Ajuda Humanitária Europeias (ECHO) cedendo 279 milhões de euros aos refugiados em Tindouf desde 1993, com 9 milhões atribuídos apenas em 2023, para combater a má nutrição da população. A ECHO cobre cerca de 70% das necessidades de saúde dos refugiados e assume um papel importante na distribuição de água. Em parceria com outros atores humanitários, realizou investimentos para expandir a rede de abastecimento nos campos, reduzindo assim a dependência da distribuição de água por camiões.

Na vertente alimentar, o Programa Mundial de Alimentos (PAM) das Nações Unidas é o maior fornecedor nos campos, prestando auxílio desde 1986. Com a epidemia do Covid-19, os preços dos alimentos e os portes de envio dos mesmos subiu exponencialmente, pelo que a ajuda do PAM diminuiu em 30% e foi complementada pela Sociedade do Crescente Vermelho Argelino (PAM, 2023).

Segundo Álvarez (2021), a Ação Humanitária disponibilizada nos campos permite os recursos necessários para o estabelecimento do estado Saarauí em exílio, ou seja, a preparação da sociedade para quando for alcançada a liberdade do Saara Ocidental, e o eventual retorno dos refugiados para o seu país. Os jovens entrevistados por Kapur (2019) afirmam que a dependência da ajuda humanitária é agravada pelo controlo marroquino sob os recursos naturais do Saara Ocidental, resultando em: "(...) consequências indiretas na criação de empregos no território, para a economia da sua sociedade e para as suas condições de vida atuais. Um jovem fez o seguinte resumo: 'Somos um país rico, mas um povo muito pobre.'"(Kapur, 2019, p.110, traduzido pela autora).

No final de 2023, os 28 atores humanitários presentes no terreno realizaram uma aliança e lançaram o SRRP (*Sahrawi Refugee Response Plan*), que visa melhorar as condições dos

refugiados e a eficácia da Ação Humanitária nos campos. O plano foca-se no acesso a bens e serviços básicos, assim como na assistência ao governo argelino na proteção dos mesmos, promovendo a sua autossuficiência. Este programa foi estipulado para os anos de 2024 e 2025 e tem um orçamento de cerca de 214 milhões de dólares, dos quais um terço é destinado exclusivamente ao setor da segurança alimentar (Organização das Nações Unidas, 2023).

## **4.2. Problemáticas nos campos**

A dependência dos refugiados Saarauís à ajuda humanitária é um dos maiores problemas nos campos, uma vez que impede a sua subsistência. No entanto, não é o único entrave a uma melhor qualidade de vida da população.

Os jovens Saarauís são uma das faixas etárias mais afetadas, devido à falta de oportunidades laborais, educativas e de lazer. Este é considerado como o eixo existencial, uma vez que a formação e trabalho são a sua principal preocupação. A falta de incentivos para o emprego gera um abandono escolar precoce e um conseqüente aumento do analfabetismo na adolescência. Este problema específico afeta maioritariamente as mulheres, que estão mais confinadas ao lar e às tarefas domésticas. O abandono escolar resulta também da pressão sentida pelos jovens para estabilizarem a situação económica das suas famílias. Os campos são o retrato de uma incompatibilidade geracional, uma vez que as gerações anteriores eram mais qualificadas e usufruíam da possibilidade de estudar no estrangeiro, enquanto a geração mais nova apresenta um nível de formação sistematicamente mais precário (Plaza & Fernández, 2017).

Os jovens que possuem emprego são geralmente mal pagos, mesmo os que possuem cargos administrativos, sendo as desigualdades económicas uma crítica adjacente a este problema, uma vez que é reportada uma diferença nas oportunidades de acesso a estes cargos (Plaza & Fernández, 2017).

A falta de independência económica retarda as perspetivas de casamento, uma vez que o trabalho é um elemento crucial para construir uma unidade familiar. Está presente uma certa pressão em contrair matrimónio como forma de atingir a liberdade e estatuto social, o que resulta numa maior taxa de divórcios. Simultaneamente, a incerteza sobre o seu futuro, acrescenta ao adiamento dos seus sonhos, entre eles, ter filhos (Plaza & Fernández, 2017).

As adversas condições do deserto são outro desafio na qualidade de vida, com tempestades de areia frequentes, invernos rigorosos e verões extremamente quentes (Zunes & Mundy, 2010). As alterações climáticas têm intensificado as condições meteorológicas, como as recentes cheias no deserto do Saara, resultantes de chuvas intensas, que causaram estragos e deslocados internos no campo de Dakhla (Sahara Press Service, 2024).

A má nutrição tem aumentado exponencialmente nos últimos anos, especialmente entre as crianças, o que afeta, por conseguinte, o seu desenvolvimento e capacidade de aprendizagem (Unicef, s.d).

O conjunto de todos estes problemas afeta a saúde mental dos jovens, um tema considerado tabu na cultura Saarauí, e abordado normalmente por mulheres, que possuem menos preconceitos na procura de terapia (Plaza & Fernández, 2017). A longevidade do conflito e a inexistência de uma solução diminuí a esperança destes jovens para melhores perspetivas de futuro, assim como a falta de atividades para ocupar os tempos livres.

No contexto político, os jovens Saaraúis acreditam que a luta pela independência está estagnada e que é necessário um estímulo, sendo esta uma outra causa de descontentamento (Plaza e Fernández, 2017). Apesar do interesse pela política e o compromisso com a causa Saarauí ser grande, a participação na mesma diminuiu, pela falta de renovação dos agentes políticos, criticando ainda a F.P pela suposta renúncia à ideologia socialista e a adoção de um modelo capitalista, que aumenta as discrepâncias económicas e sociais na população (Plaza & Fernández, 2017).

Segundo o estudo de Plaza e Fernández (2017), a intervenção nos campos de refugiados deveria ser dividida por três níveis, consoante as necessidades mais urgentes nos campos, no foco da juventude, ilustradas na figura 4.2.

**Figura 4.2.** Esquema dos três níveis prioritários de intervenção nos jovens refugiados em Tindouf. Adaptado de Kapur, 2019, traduzido pela autora.



### 4.3. Relevância do género no contexto Saaraui

Na conjuntura dos campos de refugiados, é indispensável mencionar o papel das mulheres no conflito e na causa Saaraui. O género é uma categoria importante de análise nos conflitos armados, tendo em conta as desigualdades que as mulheres sofrem durante e após os mesmos, referindo-se assim: “(...) às perceções sobre os comportamentos, a aparência e as atitudes que se consideram apropriados para mulheres e homens, que surgem de expectativas sociais e culturais.” (Fuentes et al., 2013, p.4, traduzido pela autora).

Durante o colonialismo espanhol, as mulheres possuíam cargos importantes na resistência, onde usavam as suas casas como abrigo para ativistas, vendiam joias para financiar a causa, entre outras atividades que marcaram a sua relevância. Participaram também diretamente no conflito, como condutoras, médicas e operadoras de rádio, tendo algumas recebido treino militar. Durante a duração do conflito, e uma vez que quase todos os homens estavam mobilizados para combater, cerca de 80% dos habitantes nos acampamentos eram mulheres.

As mulheres foram as protagonistas da construção dos campos de refugiados em Tindouf após a Marcha Verde de Marrocos, e a sua presença em postos de elevada

responsabilidade permitiu-lhes estabelecerem as suas próprias regras e usufruírem da igualdade de direitos. O contexto destas mulheres é considerado único em comparação com outras sociedades árabes sedentárias, onde o seu papel é considerado como inferior ao do homem.

A União Nacional de Mulheres Saarauís (UNMS), fundada em 1974, representa um ramo da Frente Polisário que pretende unir todas as mulheres que estão dedicadas na luta pela independência do Saara Ocidental, e é atualmente uma das 3 grandes associações da RASD (juntamente com os grupos de estudantes e trabalhadores) (Zunes & Mundy, 2010).

Nos territórios ocupados, as mulheres “(...) não se posicionam como vítimas passivas, mas como sujeitos políticos capazes de delinear estratégias de resistência pacífica em diferentes períodos e momentos do conflito, apesar da contínua opressão e exclusão que continuam a viver.” (Fuentes et al., 2013, p.21, traduzido pela autora).

Segundo Fiddian-Qasmiyeh (2018), o papel da mulher Saarauí pode estar a ser exacerbado, uma vez que perpetuar esta idealização da mulher Saarauí e da gestão dos campos é benéfico na atração de doações e fundos para a FP, onde vários provedores de ajuda humanitária comprometem-se com o povo Saarauí devido ao caso “especial” destas mulheres. Esta perceção é sustentada pelas características demográficas da época do conflito, quando os campos eram de facto constituídos maioritariamente por mulheres. No entanto, após o cessar-fogo, essa realidade começou a mudar com o retorno crescente de homens para os campos. Desde a criação dos campos, apenas uma mulher ocupou o cargo de governadora, enquanto as posições mais relevantes em setores de administração política foram lideradas por homens.

Uma vez que os campos de refugiados Saarauís são considerados como a exceção do “normal”, ou daquilo que um campo de refugiado é suposto parecer: “(...) o poder simbólico das mulheres refugiadas Saarauís surge precisamente porque elas não são vítimas passivas, impotentes ou “puras vítimas”, mas porque incarnam uma forma idealizada de agência feminina.” (Fiddian-Qasmiyeh, 2018, p.99, traduzido pela autora). Consequentemente, ao conseguir igualar os ideais dos provedores de ajuda, a resposta por parte destes é maior, o que beneficia as comunidades refugiadas no geral, mas pode criar simultaneamente mecanismos de exclusão de grandes grupos, como por exemplo meninas e mulheres Saarauís. A autora afirma que esta abordagem estática da “mulher Saarauí” falha em compreender as diferenças e alterações de vários setores ao longo da vida das mesmas, o que acaba por não as representar, dada a heterogeneidade do termo.

## CAPÍTULO 5

### **Jovens Saarauís**

Focando o estudo nos jovens Saarauís, é importante compreender e analisar qual o seu papel no conflito, a agência política dos mesmos e ainda os futuros imaginários políticos dos jovens que vivem nos campos e na diáspora. Desta forma, será possível definir quais as suas visões na resolução do conflito, as propostas para o futuro nos campos, nos territórios ocupados do Saara Ocidental e também a sua participação política na diáspora. Para retratar a realidade destes jovens, é importante a sua distinção consoante a residência: os territórios ocupados do Saara Ocidental, os territórios libertados, os campos de refugiados em Tindouf ou a diáspora Saarauí.

Os adolescentes entrevistados no estudo de Espinel-Rubio e Feo-Ardila (2020) reconhecem o papel dos vários atores do conflito, nomeadamente de Marrocos, mas não demonstraram sentimentos negativos relativamente à sua situação, dado que os adultos presentes na sua vida sublinham a importância de uma solução pacífica para o conflito. Os Saarauís que habitam nos campos são descritos pelas autoras como um povo que, apesar de verem os seus direitos fundamentais violados, procuram transformar a sua resistência num projeto de paz, tendo este processo sido desenvolvido após o cessar-fogo.

Os jovens herdam das gerações mais antigas a memória da resistência Saarauí e do contexto do conflito, permitindo-lhes possuírem uma ideia do que aconteceu, apesar de não terem estado presentes. Esta memória coletiva está na base da cultura Saarauí, conectada com a ideia de retorno ao Saara Ocidental (Espinel-Rubio & Feo-Ardila, 2020). Para os adolescentes, a passagem intergeracional desta memória histórica auxilia a construção das suas identidades coletivas, onde estes pretendem ser vistos como agentes capazes de mudança, ao invés de vítimas (Espinel-Rubio & Feo-Ardila, 2020). Simultaneamente, permite conectar o passado e o presente, de forma a não repetir atos de violência, construindo exercícios que permitam basear a atuação destes jovens em abordagens mais pacifistas.

Alguns jovens relacionam a sua capacidade de ativismo ou de participação no conflito com os seus estudos, notando a importância da escolaridade para uma melhor intervenção na causa (Espinel-Rubio & Feo-Ardila, 2020).

## 5.1. Jovens nos territórios ocupados do Saara Ocidental

Atualmente, o número exato de Saarauís que vivem nos territórios ocupados do Saara Ocidental é incerto, mas as estimativas apontam para 190 000 habitantes (Minority Rights Group, s.d.). Controlado pelo governo marroquino, a população, e os jovens especificamente, representam uma minoria na sua própria terra, tendo crescido e estudado rodeados de crianças marroquinas, cujas famílias ocuparam o Saara Ocidental a partir da Marcha Verde (Kapur, 2019). Todos estes jovens partilham memórias de protestos e encontros violentos com as autoridades marroquinas, desde a *intifada* de 1999, a de 2005 ou ainda o protesto de Gdeim Izik.

Os protestos nos territórios ocupados e o associativismo por parte dos jovens é altamente reprimido pelas forças de segurança marroquinas, sendo frequente o uso de violência e detenção pela polícia (Kapur, 2019). Um dos entrevistados pela autora afirma que vários membros da sua família desapareceram, retratando uma outra realidade da opressão Saarauí, e menciona que esta foi uma das razões que motivou o seu ativismo. Menciona ainda que é impossível contemplar um futuro sob a ocupação marroquina, pelo que qualquer imaginário político e pessoal passa pela independência do Saara Ocidental, sendo a emigração uma das opções a ponderar.

Além deste controlo, as autoridades marroquinas supervisionam qualquer estrangeiro ou grupo que se desloque aos mesmos. Um relatório de 2008 da *Human Rights Watch* reportou a vigilância de entrevistas e reuniões realizadas nos territórios ocupados, o que constitui um obstáculo à monitorização do contexto dos direitos humanos nesta região (Kapur, 2019). O governo marroquino não permite o registo de associações ou grupos de jovens, pelo que o associativismo é feito clandestinamente, estando as organizações registadas apenas perante a FP. As autoridades restringem também a possibilidade de deslocamento dos Saarauís para fora dos territórios ocupados, de forma a controlar aqueles que viajam por razões políticas. A parede erigida pelo exército marroquino impede estes Saarauís de se deslocarem quer para a RASD, quer para os campos em Tindouf.

A identidade Saarauí nos territórios ocupados é visto como algo pejorativo, que os Saarauís experienciam desde crianças, ao serem tratados como inferiores. Com o passar dos anos, esta discriminação é sentida noutras esferas, desde o mercado laboral ao acesso à saúde, ensino universitário e o sistema jurídico. A inexistência de qualquer universidade nos territórios

ocupados é outra dificuldade sentida pelos jovens, que são obrigados a estudar noutros países, separando-se das suas famílias.

Para estes jovens, os presos políticos são vistos como mártires da resistência Saarauí, pelo que o encarceramento resultante dos protestos e associativismo dos Saarauís é como que um ritual de passagem, dada a sua frequência. As detenções são uma punição para o ativismo Saarauí, com o objetivo de cessar os protestos políticos e ainda assustar a restante população a não participar nestas manifestações.

## **5.2. Jovens nos territórios libertados do Saara Ocidental**

Os cerca de 40 mil habitantes nos territórios libertados vivem dispersos e isolados, em grande parte devido à tradição nómada dos Saarauís. À semelhança dos jovens nos territórios ocupados, os que vivem nas zonas libertadas compreendem o contexto do conflito e as suas consequências, estando habituados a crescer em zonas minadas. O contexto do terreno e o isolamento dificulta a ajuda humanitária existente, que é ainda mais limitada do que nos campos de refugiados, assim como a possibilidade da criação de animais.

As grandes agências internacionais que financiam programas nos campos – agências do mesmo sistema internacional que realiza patrulhas frequentes, aterra voos regulares e mantém bases sofisticadas por toda esta parte do território – recusam-se a enviar assistência humanitária à população desta região (Kapur, 2019, p.252, traduzido pela autora).

O acesso à educação e cuidados de saúde é também mais limitado e a inexistência de um sistema de distribuição de água obriga a população a deslocar-se de forma a recolher os bens necessários. Um dos entrevistados de Kapur (2019), nascido nos campos e residente nas zonas libertadas, juntou-se ao ELPS assim que atingiu a idade mínima necessária e defende que a única solução é o conflito armado, sublinhando que: “A juventude Saarauí não tem nenhum futuro. Nós ainda nem sequer vivemos a nossa juventude.” (Kapur, 2019, p.101, traduzido pela

autora). Está presente nestes jovens uma sensação de incapacidade para alterar a sua realidade diária, o que afeta diretamente o seu empenho no associativismo político ou social e aumenta o seu isolamento.

A constituição da RASD estabelece por si só um impedimento à efetiva participação política dos jovens Saarauís que vivem nas zonas administradas pela mesma (territórios libertados e campos de refugiados em Tindouf). A constituição afirma que qualquer oposição política à FP poderá apenas ser criada após a autodeterminação do Saara Ocidental, uma vez que estes são uma solução temporária. Assim, a participação das novas gerações é adiada indeterminadamente, apesar de poderem participar em debates livremente.

Os Saarauís nascidos nos campos ou nos territórios libertados enfrentam também problemas relativamente à sua liberdade de movimento, uma vez que a RASD não é reconhecida por todos os Estados no contexto internacional, afetando também as possibilidades de migração. Acresce, ainda, a falta de escolas secundárias no território. Os jovens abandonam normalmente os estudos após concluírem o ensino primário, o que restringe as possibilidades futuras de conseguirem melhorar a sua qualidade de vida.

### **5.3. Jovens nos campos de refugiados Saarauís**

Os jovens nos campos de refugiados em Tindouf, na Argélia, nasceram já no contexto de refúgio, tendo presente a ideia de que a realidade que conhecem e a sua vida lá, é temporária. Possuem a memória coletiva do Saara Ocidental e da história do conflito, mas a maioria destes jovens nunca visitou o seu país. No entanto, é comum passarem os verões em Espanha, através das *Vacaciones en Paz* (Kapur, 2019).

Todos os refugiados que vivem nos campos possuem passaportes argelinos, de forma a possibilitar deslocações para fora dos campos, mas não nacionalidade argelina. Para saírem de Tindouf, necessitam ainda de uma autorização para viajar, providenciada pelo Ministério do Interior da RASD, em colaboração com o governo da Argélia, sendo um processo frequentemente demorado que restringe a saída do país de acolhimento. Os Saarauís que vivem nos territórios libertados nos campos possuem ainda um passaporte emitido pela RASD, que impossibilita a sua entrada nos territórios ocupados.

O não reconhecimento da RASD por vários países limita não só a liberdade de movimento dos jovens, como também oportunidades de ensino e no caso da migração para a diáspora (como o caso de Espanha), a dificuldade de obter nacionalidade. A lei espanhola considera os Saarauís provenientes dos campos pessoas sem estado (*stateless persons*), rejeitando o passaporte argelino, e dificultando a possibilidade de nacionalidade espanhola.

Os jovens que vivem nos campos sentem-se gratos pelos esforços das gerações anteriores, que lhes permitiram ter uma liberdade incomum em governações autocráticas (Armstrong, 2018). No entanto, estão na sua maioria descontentes com o percurso do conflito até agora, e as tentativas falhadas de resolução do mesmo. O caminho diplomático e a ação da ONU e da MINURSO são vistas como ineficazes e insuficientes, o que leva alguns jovens a acreditar que a única solução é o regresso ao conflito armado (Armstrong, 2018). Estas posições preocupam a geração mais velha, que teme pela radicalização destes jovens, e consequentemente, da FP.

O associativismo dos jovens é limitado também nos campos, dada a distância entre os mesmos e a falta de transportes, o que conduz ao seu isolamento. Existem, no entanto, várias organizações, como a União de Jovens (UJSARIO), de mulheres (UNMS) e de estudantes (UESARIO) (Kapur, 2019).

Apesar de o ensino escolar ser obrigatório nos campos, entre os 6 e os 17 anos, a falta de escolas secundárias obriga muitos dos jovens a concluírem os seus estudos noutras cidades argelinas. Vários jovens acabam por desistir: “(...) por razões emocionais relacionadas com a manutenção da família intacta ou por interesses económicos, como o papel que muitos jovens desempenham na manutenção do lar e no cuidado de familiares dependentes.” (Kapur, 2019, p. 210, traduzido pela autora), pelo que o ensino não é acessível a todos. A inexistência de qualquer instituto de ensino superior nos campos contribui também para o abandono escolar, dado que os jovens que queiram prosseguir com os seus estudos, têm de abandonar as suas famílias. Além disto, é de notar que mesmo os jovens com cursos superiores têm bastante dificuldade em encontrar emprego nos campos, com rendimentos baixos e remunerados irregularmente, devido à dependência humanitária e falta de fundos da RASD.

A juventude Saarauí nos campos é a personificação do limbo em que a comunidade se encontra ao longo dos últimos 50 anos de conflito, à procura de uma solução para o mesmo, esperando: “(...) por algo que ainda está por vir, algo que está além do seu controlo, mas que,

eventualmente, inevitavelmente surgirá, *inshallah*.” (Kapur, 2019, p.251, traduzido pela autora).

#### **5.4. Jovens na diáspora**

A maioria dos Saarauís na diáspora residem em Espanha, por questões de proximidade do território e pelas ligações com o país, como ex-colónia espanhola. Estes Saarauís vêm frequentemente dos campos de refugiados e entram no país com documentos fornecidos pela Argélia, sendo reconhecidos pelo governo espanhol como cidadãos argelinos (Kapur, 2019). Da mesma forma, os Saarauís que imigram dos territórios ocupados são considerados por Espanha como cidadãos marroquinos.

Estes jovens têm a noção de que o seu exílio foi justificado pela falta de autodeterminação do seu povo, e dada a falta de condições nos campos, a sua migração para a diáspora não pode ser considerada como inteiramente arbitrária.

Os Saarauís que vivem na diáspora encontram vários entraves à sua deslocação, sendo constantemente negada a sua entrada nos territórios ocupados, mesmo quando possuem um passaporte espanhol. Isto impossibilita a união das famílias, o que: “(...) contribui para um sentimento de desenraizamento entre os jovens Saarauís, desde os campos até à diáspora.” (Kapur, 2019, p.202, traduzido pela autora).

A Internet possui um papel crucial no seu ativismo, dado que as tecnologias e redes sociais potenciam a proximidade das populações e das suas identidades coletivas, sendo a causa Saarauí um destes exemplos. Os vários blogues de apoio ao povo Saarauí podem ser vistos como: “(...) um papel na luta pela liberdade, autodeterminação e realização do destino da nação Saarauí. Assim, a Internet, de forma geral, e os blogs analisados, em particular, podem ter-se tornado recursos na luta por um Saara Ocidental livre.” (Rivelsrud, 2010, p.72, traduzido pela autora).

Fiddian-Qasmiyeh (2013) menciona que o envolvimento dos jovens Saarauís na diáspora não é linear, sendo maior nos países onde a FP e a RASD exercem maior influência, como em Cuba e na Síria. Em Espanha, uma vez que os jovens estão normalmente ao cuidado de famílias espanholas, através das *Vacaciones en Paz*, ao invés de outros Saarauís, a capacidade da FP de envolver os mesmos na causa é menor. Por causa disto, é inexistente uma

comunidade jovem Saarauí em Espanha, segundo a autora, apesar destes existirem como um grupo que vive naquele país.



## CAPÍTULO 6

### Metodologia

De forma a ser possível responder às questões de investigação deste estudo – “Quais as perceções dos jovens Saarauís sobre a sua agência política?” e “Quais as suas perspetivas futuras de vida?”, foi empregue um método qualitativo de pesquisa, no formato de entrevistas semiestruturadas.

As entrevistas semiestruturadas são um meio para o investigador conseguir gerar conhecimento, utilizando as descrições providenciadas pelos entrevistados, normalmente sobre as suas experiências pessoais, e analisá-las posteriormente, de forma a conseguir interpretar os dados obtidos (Leavy, 2020).

A revisão de literatura efetuada anteriormente permitiu compreender os pontos de vista de outros autores sobre o tema analisado, assim como as opiniões e vivências de outros entrevistados. Além disto, possibilita a deteção de lacunas ou contradições no tema escolhido, que poderão ser estudadas no projeto a realizar (Bryman & Bell, 2019).

#### 6.1. Recolha e Análise de Dados

No contexto do tema do estudo, o grupo-alvo foram os jovens Saarauís residentes nos campos de refugiados em Tindouf, assim como jovens Saarauís que residem na diáspora. De forma a obter um ponto de vista distinto da esfera Saarauí, foi ainda entrevistado um profissional humanitário, funcionário numa Organização não governamental (ONG) de apoio ao Saara Ocidental.

A impossibilidade de deslocação ao terreno, neste caso, os campos de refugiados em Tindouf e a diáspora Saarauí, dificultou o acesso ao grupo-alvo de entrevistados. Deste modo, a ligação com os jovens Saarauís foi possibilitado através do método de *snowball sampling*, onde uma primeira comunicação com uma associação permitiu a aquisição dos contactos dos entrevistados (Knott et al., 2022).

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas por videochamada, através das plataformas de comunicação *Zoom* e *WhatsApp*, tendo uma duração média de 60 minutos, e utilizando um guião condutor para as mesmas (Anexo A).

Após a obtenção de consentimento, foi gravado o áudio das entrevistas e empregue o método de análise temática reflexiva (Braun & Clarke, 2006), para tratar a informação recolhida, de forma a: “(...) identificar, analisar e reportar padrões (temas) dentro dos dados.” (Braun & Clarke, 2006, p.6, traduzido pela autora). Através do *software MAXQDA24*, foram criados códigos relevantes ao estudo, posteriormente associados a segmentos das entrevistas. Estes códigos foram de seguida agregados em categorias de análise, baseadas nos padrões temáticos mais recorrentes, apresentados no Capítulo 7.

As entrevistas foram estruturadas de forma a aprofundar tópicos que poderão ser sensíveis (dada a condição política dos refugiados Saaraus), pelo que os entrevistados foram informados da possibilidade de interromper a entrevista a qualquer momento. Na eventualidade de consequências negativas para os participantes, seriam tomados cuidados adequados, como a cessação de entrevista e encaminhamento dos entrevistados para um serviço de apoio adequado. O contexto virtual das entrevistas pode ser considerado benéfico neste sentido, uma vez que: “(...) podem proporcionar aos participantes maior controlo, permitindo-lhes ligar e desligar o microfone e o vídeo conforme desejarem, por exemplo, para terem mais tempo para refletir e desconectar-se, se assim quiserem.” (Knott et al., 2022, p.13, traduzido pela autora).

Foram tidos em conta critérios de ética mencionados em Knott et al. (2022), antes e durante as entrevistas, como o envio prévio de um consentimento informado a todos os participantes da pesquisa (Anexo B), de forma a assegurar que a participação é voluntária. Após a assinatura do mesmo, foram conduzidas as entrevistas, com a garantia de confidencialidade e anonimidade dos seus dados, outro modo de minimizar possíveis danos. Estes foram ainda informados que os dados seriam encriptados e guardados apenas pela investigadora durante os 12 meses seguintes à realização da entrevista, após os quais seriam destruídos permanentemente.

Além disto, foi tida em conta a reflexividade nas perguntas realizadas, ou seja, considerar como é que a elaboração das mesmas foi conseguida, e se poderão ter sido moldadas pelo conhecimento prévio da investigadora. Para isto, é indicado ponderar: “(...) como eles próprios se sentiriam ao ser questionados com estas perguntas de entrevista ou representados

desta forma, e depois adaptando a sua prática em conformidade.” (Knott et al., 2022, p.5, traduzido pela autora).

Após o término das entrevistas, foi disponibilizado aos participantes um *Debriefing* (Anexo C), onde foram novamente expostos os objetivos da investigação e disponibilizados os contactos da investigadora, caso necessário.



## CAPÍTULO 7

### Resultados

Neste estudo, foram entrevistados 5 jovens Saarauís (2 residentes nos campos de refugiados em Tindouf e 3 na diáspora) e 1 Profissional Humanitário, cujo perfis demográficos se encontram no Quadro 7.1.

Após a recolha dos dados, procedeu-se a uma análise temática reflexiva, da qual emergiram três temas principais, apresentados neste capítulo. Conforme descrito por Braun & Clarke (2006), um tema reflete um elemento relevante nos dados em estudo, em conexão com as perguntas de investigação, sendo identificado com base nos padrões observados nas respostas dos entrevistados.

**Quadro 7.1.** *Perfil Demográfico dos Entrevistados*

	Género	Faixa Etária	Residência	Profissão
Entrevistado A	Masculino	20-25	Espanha	Estudante
Entrevistado B	Masculino	25-30	Espanha	Gere uma escola de cozinha para mulheres nos campos
Entrevistado C	Feminino	30-35	Espanha	Chefe de cozinha num restaurante
Entrevistado D	Feminino	25-30	Campos (El Aiun)	Trabalha na manutenção de camiões de uma ONG nos campos
Entrevistado E	Masculino	30-35	Campos (Smara)	Locutor na Rádio Nacional da RASD
Entrevistado F	Masculino	40-45	Espanha	Profissional Humanitário

#### **Tema 1. Os jovens Saarauís percebem condicionamentos na sua agência política que lhes permita influenciar decisões ou atuar na luta pela autodeterminação.**

No decorrer das entrevistas, foi unanime a opinião de que a causa Saarauí existe e está viva entre a nova geração. Todos os jovens afirmaram que a luta pela autodeterminação continua presente, apesar de se manifestar de uma forma distinta, comparado aos seus pais e avós, uma vez que: “(...) eles conheceram o Saara e viveram a primeira guerra e o exílio e toda essa mudança...” - Entrevistado C

Apesar disso, afirmam que: *“A causa não mudou, mudaram os meios. Antes tinham mais força, mais voluntários e mais valor humano na crença. A juventude não crê na justiça divina. A causa não muda, muda é a forma de lutar.”* - Entrevistado B

Sendo considerada por um entrevistado como: *“(…) a causa de todo um povo esquecido.”* – Entrevistado D, a dispersão geográfica dos Saarauís não é um fator para a renúncia na luta da independência do Saara Ocidental. Há, aliás, um sentimento de dívida por parte dos Saarauís na diáspora, que reconhecem os esforços diários de quem mora nos campos e nos territórios ocupados.

*“Creio que a juventude Saarauí independentemente de viverem nos campos ou nos territórios ocupados, a causa nos atravessa a todos por igual (...) existe uma minoria muito pequena que vive em Espanha toda a vida e está desconectada de alguma forma, o que é legítimo, mas a maioria, com sorte, está consciente de que é uma dívida, que lutaram e resistiram para que pudéssemos vir aqui, respirar e lutar, e acho que é o mínimo que devemos aos que se foram e aos que estão a lutar.”* – Entrevistado C

*“A causa Saarauí é a causa de todos os Saarauís, sem importar a sua idade ou onde se encontrem. No entanto, a quantidade de contribuição que um faz para essa causa varia. Por exemplo, não há ninguém que tenha dado e sacrificado mais que não os nossos pais e mães, que cresceram em condições mais difíceis e sofreram muito pela libertação da terra. Estão mais apegados à causa que nós, a sua resistência é indiscriminável.”* – Entrevistado E

*“Vivemos de forma diferente, mas o objetivo é o mesmo.”* – Entrevistado D

Um dos entrevistados refere, contudo, que a geração mais nova tem menos interesse na causa, devido à falta de oportunidades nos campos de refugiados e ao contexto prolongado do conflito. No entanto

*“(...) em 2020, com a volta à guerra entre o Saara e Marrocos, voltaram muitos jovens de fora, e todos os que estavam aqui deixaram os seus trabalhos e tudo o que faziam e foram participar e entrar nas escolas de militares. Os que eram militares foram para as fronteiras, para a frente, e isso mostra que quando há algo novo na causa e a FP precisa de jovens, estarão sempre disponíveis.” – Entrevistado E*

Todos os jovens entrevistados consideram a FP como o representante máximo dos Saarauís, e aplaudem os seus esforços no estabelecimento da RASD, assim como na luta pela independência do Saara Ocidental.

*“A FP penso que, como movimento, é o único capaz de unificar o povo Saarauí na totalidade. Creio que tiveram políticas muito inovadoras e liberais para a nossa sociedade nessa época (...).” – Entrevistado C*

*“Eu penso, e como todos, que a Frente Polisário é o único representante dos Saarauís. Acho que somos o único país que tem apenas um representante que toda a gente concorda. O nosso problema está entre outras mãos, então esta parte já temos muito clara, visto que o objetivo é o mesmo, estamos bem assim. Creio que os jovens concordam, porque a FP é o que os nossos pais e avós construíram e toda a gente que eu conheço, estamos a trabalhar no que eles começaram.” – Entrevistado D*

*“O grupo fala por todos, todos estamos por eles e estão no direito de falar por nós e ter a nossa palavra, pelo que são a nossa voz.” – Entrevistado E*

Apesar do consenso dos Saarauís na representatividade por parte da FP, os jovens entrevistados afirmam que algumas das suas políticas estão desatualizadas, assim como os seus membros, pelo que as necessidades e pontos de vista dos jovens são por vezes negligenciados. A mesma opinião é refletida nas associações Saarauís estabelecidas nos campos de refugiados.

*“(...) acho que ancoraram algumas políticas bastante obsoletas, creio de uma forma as suas políticas (ou a falta delas) são dedicadas em focarem-se no exterior, em conseguir apoio e cooperação, apoio internacional ou manifestações; esqueceram-se de certas políticas internas que levaram a uma nova geração completamente despolitizada. (...) A Polisário atualmente, especialmente tendo em conta as problemáticas de que sofre a juventude, não renovou os seus dirigentes ou as suas políticas e descuidou as políticas internas e sociais e o trabalho interno, que tem de continuar, nomeadamente na igualdade de oportunidades. Por isso é que de uma forma, não me representa. Fala-se muito da Polisário como partido e governo atual, mas creio que a maioria da juventude acha o mesmo sobre isto.” –*

*Entrevistado C*

*“(...) as organizações Saaraús a nível dos campos de refugiados estão mais vazias, há cada vez menos população, menos pessoas jovens presentes e que mantenham o funcionamento; também acontece de alguma forma que os que estão nas instituições são pessoas mais velhas.” – Entrevistado C*

*“(...) Não há uma renovação. Politicamente é muito difícil de dizer. Na minha opinião, precisa de mudança, porque os atuais dirigentes não discutem a sua trajetória. Eles são da geração dos meus pais.” – Entrevistado A*

Outro jovem afirma que, mesmo que não concordando totalmente com a FP, todos os Saaraús permitem a sua representatividade pelos mesmos, e os que não o fazem, estão contra a causa e aceitaram a soberania marroquina.

*“(...) quer acreditem na FP ou não, permitem que sejam o seu representante. (...) Todos os que não pensam isso, uniram-se a Marrocos e entregaram o ADN Saarauí e agora já dizem que são marroquinos. (...) Há no Governo algumas pessoas, que os jovens e os Saaraús não estão de acordo, alguns que não vêm que estão a fazer o trabalho que estavam à espera, que se passa em todo o mundo. Mas todos os Saaraús e os jovens, vejo que a maioria acha que a FP é o representante e a palavra dos Saaraús.” – Entrevistado E*

Alguns jovens entrevistados participaram ou fazem ainda parte de movimentos ativistas para a autodeterminação do Saara Ocidental, sublinhando a necessidade da mobilização da sua agência política. Contudo, consideram que os seus esforços não têm o poder desejado, visto que a verdadeira mudança no rumo do conflito não pode ser feita por eles.

*“Participei em todas as manifestações que pude, e interessam-me muito, porque é uma responsabilidade para nós jovens, que estamos informados e estudámos, que tenhamos uma vista clara de que os nossos direitos não são isto, e que cada dia que estamos neste sítio é um dia que nos está a ser roubado, porque o todo povo Saarauí não merece o que está a viver. Mudaria em tudo o que podia, mas às vezes é limitado, porque as decisões estão muito mais acima de todos os que vivem nos campos e o povo.” – Entrevistado D*

*“Sim, desde os 15 anos que fiz sempre parte de associações de jovens Saarauís. (...) Para mim a importância de continuar a lutar pela independência do povo Saarauí é a coisa mais importante da minha vida.” – Entrevistado C*

*“Fizemos manifestações, mas manifestações contra a ocupação marroquina e a violação dos Direitos Humanos nas zonas Saarauís ocupadas, porque os ativistas Saarauís nas zonas ocupadas sofrem muito e maioria está nas prisões marroquinas.” – Entrevistado E*

## **Tema 2. A falta de condições nos campos de refugiados representa uma barreira às prospeções de vida dos jovens Saarauís**

Um dos códigos empregues durante a análise das entrevistas foram os desafios sentidos pelos jovens Saarauís. Os campos de refugiados foram frequentemente mencionados, nomeadamente a falta de condições nos mesmos, desde as infraestruturas, à dificuldade em integrar o mercado de trabalho e ainda o tempo livre excessivo.

*“Os principais desafios que posso identificar nos acampamentos são principalmente oportunidades, igualdade económica e bem-estar social, porque creio que no final foram criadas classes sociais dentro dos campos e as diferenças económicas o que têm feito é que*

*alguns refugiados podem ter direito a oportunidades, e a maioria dos refugiados que precisam, não as têm.” – Entrevistado C*

*“(...) o problema principal é o trabalho, porque nos afeta mais a cada ano. Há menos gente a estudar a cada ano que passa. Uma parte de mim compreende perfeitamente, porque a maioria dos trabalhos que se podem trabalhar nos acampamentos não estão relacionados com os nossos estudos, então, para quê estudar? Se não vamos encontrar trabalho, é como que uma perda de tempo e deixam de estudar.” – Entrevistado D*

*“Não há tantos trabalhos (ofertas) aqui nos acampamentos, não há fábricas, não há nada aqui. Se trabalhares para o governo, como por exemplo na rádio, é como que um dever, não te pagam um salário.” – Entrevistado E*

*“(...) a falta de um hospital avançado nos campos apresenta dificuldades significativas. Não podemos esquecer as dificuldades climáticas extremas que dificultam a vida aqui, as temperaturas que alcançam os 50°C no verão. O vento também, quando vem chuva (vem pouca, mas quando vem), é muito forte e as casas como são de adobo (agora estão a fazer mais com tijolo), que são a maioria, podem cair.” – Entrevistado E*

*“É como uma linha de nada, não acontece nada, ficas todo o dia em casa. Vês o tempo a passar, é uma prisão perpétua.” – Entrevistado B*

A dependência dos campos à Ação Humanitária e a sua diminuição nos últimos anos constituem outro entrave, uma vez que a sustentabilidade dos Saarauís não é exequível. O profissional humanitário entrevistado referiu que a ONG em que trabalha distribui a totalidade da comida providenciada pelo Crescente Vermelho Saarauí nos campos, cerca de 75% da água e são responsáveis pela recolha do lixo. Com a diminuição da A.H nos últimos anos, as suas responsabilidades cresceram.

*“(...) eles precisam de comida, mas o problema é que não têm os recursos para serem independentes, esse é o problema. São muito pobres, estão num deserto e o problema é que dependem da ajuda europeia, por isso, é realmente um grande problema. (...) a comida é o*

*maior problema neste momento, há uma crise humanitária. (...) Atualmente eles precisam de nós.” – Entrevistado F*

*“(...) é uma população que vive de ajuda humanitária, então não estás no sítio onde possas realizar o comércio, sabendo que vais receber algo. O principal estado das famílias aqui, não são pobres, mas não têm poder de compra. Todo o setor de comércio são as coisas mais básicas, como roupa, comida, porque as pessoas só se podem permitir o básico aqui.” – Entrevistado D*

Neste cenário, os próprios jovens pedem auxílio aos profissionais humanitários para facilitar o seu processo de migração para a diáspora.

*“Eu estive lá, senti uma espécie de resignação, mas ainda assim, a qualidade de vida nos campos de refugiados está a piorar, em termos da diminuição de alimentos, e os recursos continuam a ser cada vez mais escassos. Então, o que detetamos dos campos de refugiados? Que estamos a receber uma espécie de pedido/solicitação por parte dos jovens Saarauís para que os deixemos vir para Espanha.” – Entrevistado F*

Estes desafios despoletam a necessidade de procura por melhores oportunidades, resultando na frequente emigração da geração mais nova para a diáspora, sendo este um processo complexo, dado o estatuto destes refugiados.

*“Nos últimos anos, as pessoas querem emigrar para a Europa ou outros sítios, mas eu vi que estes anos, conheço imensos jovens que estão a trabalhar em cidades argelinas. Muitos deles não estão a pensar que a emigração é melhor, mas procurar um trabalho melhor, que os permitam ajudar as suas famílias.” – Entrevistado D*

*“(...) sempre pensei e vou pensando numa maneira de sair dos campos de refugiados para melhorar a minha vida e da minha família, para viver como os jovens de todo o mundo. Não tivemos possibilidades antes de pelo menos tentar fazer dos nossos sonhos realidade e melhorar a nossa vida.” – Entrevistado E*

*“Acho que por causa da nossa situação política, há a complexidade de que a juventude emigre, a maioria procura um futuro melhor na Europa, sobretudo em Espanha.” –*

*Entrevistado C*

*“(…) o mais difícil para emigrar dos campos é arranjar uma forma de sair, a documentação que nós temos existe em muitos poucos países, então por exemplo não posso dizer que quero ir a Espanha e já está. – Entrevistado D*

Apesar das dificuldades, alguns destes jovens preferem ficar nos campos, para continuarem a viver perto das suas famílias.

*“A minha família propôs-me ir estudar para a Universidade de Madrid, mas somos uma família em que tenho todos os meus irmãos aqui, as minhas irmãs emigraram. Estou eu, os meus pais e o meu irmão pequeno, então não sei, viver tão longe, não me sentia muito bem. É verdade que terás muitas oportunidades, mas eu disse que não; sempre pensei que quando quiser fazer alguma coisa, o queira fazer perto da família. Penso que, se queres ajudar qualquer pessoa, em primeiro lugar, tens de estar ao seu lado (...) Não sei se algum dia vou sair, mas por enquanto estou contente aqui.” - Entrevistado D*

A participação nas *Vacaciones en Paz* contribuiu para a vontade de emigrar de um entrevistado, uma vez que possibilitou o conhecimento de uma nova realidade para vários jovens, que nunca tinham viajado para fora dos campos.

*“Desde esse verão em que fui pensei sempre em voltar a Espanha por causa das melhores condições de vida.” – Entrevistado E*

*“(…) quando fui o primeiro verão, voltei uma criança completamente diferente, a nível alimentar, social, cultural. Vinha enraizado da minha cultura e vejo uma completamente diferente, com uma língua diferente. Acho que é muito importante os meninos que vêm para os campos, porque quando saem dos acampamentos Saarauís, vêm a realidade de outro mundo, porque não têm as oportunidades que têm lá.” – Entrevistado A*

*“As Vacaciones em Paz para mim foram, e para muitos meninos, a melhor coisa que lhes aconteceu na vida porque saem do inferno e mudam os 2 meses mais duros nos campos,*

*do Verão. Estarem noutra lugar, muito diferente, a disfrutar da praia, da piscina, dos médicos, e a ver o resto do mundo e como será uma vida melhor.” – Entrevistado E*

Apesar do impacto positivo do programa na vida dos jovens, este foi associado por um entrevistado como um impulsionador das diferenças económicas das famílias residentes nos campos.

*“(…) o programa Vacaciones en Paz, num dado momento foi muito necessário nos campos de refugiados (...) tirar os meninos Saarauís do exílio e das condições desumanas, mas também acho que com os anos e com o descontrolo que há em si e a falta de linhas diretas às famílias que acolhem contribuiu de uma forma quase tão negativa como positiva para a sociedade.*

*Creio que uma das formas negativas que contribuiu foi parte ou a causa das diferenças económicas que existem nos campos. Há lá meninos que foram acolhidos por famílias com poder económico e que beneficiavam de alguma forma, mandavam dinheiro, por isso creio que os campos de refugiados Saarauís têm classes sociais.” – Entrevistado C*

Os jovens entrevistados, independentemente da sua residência, foram unânimes nas suas perspetivas de futuro: viver num Saara Ocidental independente. Os entrevistados que residem na diáspora mantêm o interesse em permanecer onde estão, não querendo regressar aos campos, mas sim ao seu país, quando for alcançada a autodeterminação.

*“Quero uma vida estável no Saara. Muita da minha família está aqui em Espanha. (...) se o Saara Ocidental não estivesse ocupado, não estava em Espanha e não teria sempre esta necessidade de voltar e estar com o povo.” – Entrevistado B*

*“Sim, se pudesse dizer gostaria de voltar à minha terra, não aos campos. Queres voltar porque são as tuas culturas e raízes.” – Entrevistado A*

*“A verdade é que não penso continuar a viver nos acampamentos.” – Entrevistado E*

### **Tema 3. O conflito prolongado com Marrocos condiciona as percepções dos jovens Saaraus sobre a melhor forma de alcançar uma resolução para o mesmo.**

O prolongamento do conflito, as várias tentativas falhadas na resolução do mesmo e o término do cessar-fogo em 2020 contribuem para a insatisfação dos jovens Saaraus, que têm cada vez mais dificuldade em manter a esperança de uma solução próxima.

*“Depois de 2020, é verdade que mudaram muitas coisas, e o primeiro é o cessar-fogo. (...) Voltar à guerra em todos os casos não é a melhor decisão, não é a decisão mais adequada para nós, mas creio também que foi muito tempo sem poder fazer nada, e que agora já estamos em 49 anos (em 2020 já eram 45) a esperar uma solução que a cada ano, não acontece nada. (...) Estamos aqui, é verdade que alguns dias estás a tentar viver e aprender coisas, viver uma vida como qualquer pessoa que está na mesma situação, mas muitos dias pensas “até quando estaremos aqui?”. Então, recordo-me que quando houve a decisão de voltar à guerra em 2020, eu e todas as minhas amigas estávamos a terminar os nossos estudos na universidade e pensámos todas o mesmo, que foi: não havia outra solução. Já são muitos anos.” – Entrevistado D*

Os jovens entrevistados não acreditam na via diplomática para uma resolução do conflito; consideram que os esforços da ONU e da MINURSO não são suficientes, achando assim que a única solução atual passa pelo conflito armado.

*“Creio que a solução armada, não porque queremos, mas porque somos muito poucos. Para nós é a única solução que temos nas mãos.” – Entrevistado D*

*“Na minha opinião, a única forma de resolver a causa é voltar ao fogo, porque nasci em 1992, um ano depois do acordo da paz e desde aquele momento há paz, mas é como se não houvesse. Nós continuamos aqui refugiados, a sofrer ano após ano e, entretanto, a MINURSO, que é o que a ONU fez em 1991 para resolver o problema e para fazer a independência do povo Saaraui, era feita para 6 meses, para dar a independência. No entanto, em quase 30 anos de paz não conseguiu fazer nada, por isso voltar ao fogo é a única solução.” – Entrevistado E*

*“A ONU não pode fazer nada. Tem medo de algo como o que passa em Israel e na Palestina.*

*A MINURSO não fez nada, são mentiras” – Entrevistado B*

*“Acho que a via pacífica fracassou: o Direito Internacional fracassou, a MINURSO fracassou porque não foram capazes de impor à outra parte uma solução ou um referendo.”*

*– Entrevistado A*

*“(...) já se passaram 50 anos e eu sei que fisicamente não é a melhor solução, mas compreendo o Saara nesses termos. Quando Marrocos quebrou o cessar-fogo e começou a guerra, o Saara disse: “Ok, vamos lutar”, porque quando os termos diplomáticos ou o lado diplomático não funcionam, temos de tomar decisões, e isso é muito difícil. É a coisa mais difícil na vida. (...) acho que muitos deles mudaram de opinião em 2020, quando Marrocos rompeu com tudo. O povo Saarauí diz que já chega, então agora teria de acontecer um confronto físico, e acho que alguns deles acreditam que o conflito armado é o caminho para resolver isso.” – Entrevistado F*

A longevidade do conflito gera descontentamento no povo Saarauí em geral, e nos jovens, em específico. As diversas negociações falhadas perpetuam o *status quo*, e desprovam os jovens de qualquer expectativa no retorno ao seu país e ao estabelecimento da sua vida lá.

A criação dos campos de refugiados é vista por um dos entrevistados como uma solução prática no início do conflito, mas que tem de ser solucionada e não constituir um local de resignação para os Saarauís.

*“(...) na altura pensaram, vamos-mos estabelecer aqui na Argélia, e quando acabar a guerra voltamos. Mas já passaram 50 anos sem poderem voltar. Creio que é muito importante esse vínculo, mas também há que solucioná-lo, não só estabelecer um acampamento. A Ação Humanitária é importante claro, mas não podemos fazer dela uma dependência.” –*

*Entrevistado A*

Os jovens Saarauís encontram-se assim num impasse, uma vez que o seu objetivo é regressarem ao Saara Ocidental, mas sem uma resolução à vista, torna-se impossível. Os jovens que vivem nos campos de refugiados têm poucas oportunidades no mercado laboral, pelo que as suas perspectivas são limitadas, a menos que emigrem. Por outro lado, os jovens que já vivem

na diáspora não têm a possibilidade de regressar ao seu lar e reconectar-se com as suas famílias, até à autodeterminação do Saara Ocidental.

## CAPÍTULO 8

### **Discussão dos Resultados**

A análise dos dados obtidos através das entrevistas realizadas permitiu a divisão dos 3 temas apresentados no capítulo 7, respondendo às duas questões de investigação: “Quais as percepções dos jovens Saarauís sobre a sua agência política?” e “Quais as suas perspetivas futuras de vida?”.

De um modo geral, os jovens Saarauís entrevistados consideram que não conseguem exercer uma influência política na luta pela autodeterminação do Saara Ocidental. A sua agência política é condicionada pela falta de representatividade em organizações Saarauís, nomeadamente nos principais órgãos de decisão, em cargos na FP ou nos departamentos da RASD. Apesar de se sentirem representados por ambos, e afirmarem que o seu trabalho foi fulcral nas conquistas adquiridas a nível político até agora, consideram que seria uma mais-valia a renovação dos representantes, proporcionando o destaque da geração mais jovem, que é cada vez mais qualificada, o que sustenta a literatura existente (Plaza & Fernández, 2017). Dos 5 jovens entrevistados, apenas 1 considera que as políticas da FP estão obsoletas e não se sente representada pelos mesmos.

Relativamente à causa Saarauí e à luta pela autodeterminação, tanto os jovens que vivem nos campos como os que vivem na diáspora referem que o empenho da sua geração e do povo Saarauí mantém-se. Admitem, contudo, que a forma como personificam esta resistência é diferente das gerações anteriores, ou seja, pais e avós. Há um consenso entre os entrevistados de que os seus antepassados foram os pioneiros na luta pela autodeterminação Saarauí, visto que passaram pelo início do conflito e o conseqüente exílio para os campos de refugiados. A sua contribuição passa pelo associativismo e participação em movimentos sociais que promovam visibilidade para a causa. Além disto, os jovens são cada vez mais qualificados e pretendem utilizar esses conhecimentos quando lhes for possível regressar ao Saara Ocidental. Está presente a consciência de que uma maior escolaridade reflete uma maior contribuição para a causa, o que vai de acordo com a literatura existente (Espinel-Rubio & Feo-Ardila, 2020).

Apesar dos seus esforços na luta pela autodeterminação, estes jovens estão cientes de que o seu ativismo não é suficiente para uma mudança impactante no rumo do conflito, o que

cria uma sensação de impotência nos mesmos, corroborando novamente a literatura (Kapur, 2019).

No contexto dos campos de refugiados e dos desafios sentidos pelos jovens que vivem nos mesmos, os resultados das entrevistas analisadas reforçam a literatura já existente sobre o tema (Armstrong, 2018; Fiddian-Qasmiyeh, 2011; Kapur, 2019; Plaza & Fernández, 2017).

As principais problemáticas nos campos passam pela dependência da Ação Humanitária, assim como a falta de oportunidades no mercado de trabalho e o lazer em demasia. Os jovens, frequentemente obrigados a emigrar para concluir os estudos devido à ausência de ensino superior nos campos, enfrentam a falta de oportunidades de emprego nos mesmos, especialmente na sua área de formação. É também mencionada a baixa remuneração nos campos, sendo alguns cargos não pagos, nomeadamente no Governo. Estas condições impossibilitam uma qualidade de vida adequada aos jovens, que se resignam à sua condição, ou sentem não ter outra opção senão emigrar para a diáspora Saarauí – processo complexo, dado o seu contexto político e o facto de a sua documentação não ser reconhecida em vários países.

Os entrevistados referiram também que, com a recente diminuição da Ação Humanitária nos campos, a quase inexistência de comércio e poder de compra e as desigualdades económicas, a sua autossustentabilidade não é viável. Estas desigualdades resultaram, não só, mas também, do programa *Vacaciones en Paz*, com a introdução e fluxo de dinheiro nos campos por parte das famílias de acolhimento. O envio de mesadas aos jovens que participam no programa potenciou as classes económicas nos campos, o que corrobora a literatura existente (Martín, 2017; PAM, 2023). Este programa teve, no entanto, um contributo significativo na vida dos jovens participantes, proporcionando-lhes a oportunidade de conhecer uma nova cultura e uma realidade desconhecida até então.

Os relatos dos jovens coincidem na vontade de regressar ao Saara Ocidental assim que a autodeterminação se tornar uma realidade. Os que estão estabelecidos na diáspora revelam que querem regressar apenas ao Saara Ocidental, considerando que viver nos campos de refugiados não é uma solução viável, dadas as condições descritas anteriormente. Os campos são considerados pelos jovens que nasceram e vivem lá, como uma solução temporária. Apesar de ser o seu lar em exílio, têm consciência de que o objetivo final é sempre regressar ao seu país.

No contexto político, denota-se um padrão entre os entrevistados relativamente às perspectivas da resolução do conflito. Embora alguns jovens considerem a via diplomática como a mais acertada, mencionam que sem o conflito armado, nunca terão a autodeterminação desejada. Criticam ainda a ONU e a MINURSO, pela sua ineficácia na realização do referendo ou na sugestão de qualquer outra resolução. Essa mudança de opinião tornou-se mais frequente a partir de 2020, com o fim do cessar-fogo em vigor desde 1991, refletindo o cansaço de esperar por uma resolução pacífica.



## Conclusão

De acordo com a literatura, os ideais e pontos de vistas da juventude são fulcrais na compreensão e evolução de um conflito, sendo por isso vantajoso analisar a sua ótica e opiniões (Sika, 2021). Assim, os vários perfis de jovens e as suas interseccionalidades têm de ser consideradas, uma vez que se encontram nestas diferenças elementos que definem a própria identidade dos mesmos, tal como características da sociedade como um todo (Bohrer, 2023).

Embora o foco de estudo habitual recaia sobre as mulheres Saaraúis, a importância da juventude, aliada à longevidade e pouca visibilidade do conflito, despertou o interesse em compreender as opiniões destes jovens. Consequentemente, foi investigada a agência política dos jovens Saaraúis em refúgio nos campos de refugiados e na diáspora.

Os jovens Saaraúis representam assim uma geração de grande interesse para a compreensão e possível previsão do desenrolar do conflito no Saara Ocidental. Além de possuírem maiores qualificações do que qualquer geração anterior (Plaza & Fernández, 2017), encaram o próprio conflito de uma forma diferente, uma vez que foram os seus pais e avós que testemunharam o início do conflito e foi com eles que nasceu a resistência do povo Saarauí (Espinel-Rubio & Feo-Ardila, 2020).

A dispersão dos entrevistados em diferentes países impediu a realização das entrevistas pessoalmente, o que originou limitações adicionais, como a barreira linguística entre entrevistador e entrevistado. Uma das entrevistas foi conduzida em inglês, e as restantes em espanhol, sendo que nenhum destes idiomas era o nativo dos participantes. No caso do profissional humanitário, a sua língua materna era o espanhol, o dos jovens Saaraúis era o árabe hassani, podendo por isso ter ocorrido alguma dificuldade na expressão verbal. Dado o contexto *online* das entrevistas, a perceção da linguagem corporal dos entrevistados foi também condicionada. Adicionalmente, nas entrevistas em espanhol, esteve presente uma tradutora, para permitir uma melhor compreensão das respostas dos entrevistados. Este fator pode ter afetado a fluência das entrevistas devido a possíveis discrepâncias na tradução, as quais podem ter influenciado a análise, por exemplo, ao não refletirem com precisão o significado de algumas respostas.

Os resultados deste estudo permitiram concluir que os jovens estão determinados em perpetuar a luta pela autodeterminação Saarauí, mas sentem que não têm o poder necessário

para o fazer, o que se torna desmotivante. A sua representatividade nos corpos governamentais é quase nula, pelo que a sua agência política se baseia no associativismo e ativismo, de modo a dar visibilidade à sua situação. A longevidade do conflito é outro fator para a resignação de alguns jovens, que não creem numa solução breve. Nos campos de refugiados, o tempo livre excessivo e a falta de empregabilidade são duas grandes problemáticas atuais que representam barreiras às perspetivas destes jovens. As difíceis condições de vida nos campos de refugiados, aliada à dependência da Ação Humanitária, que é cada vez mais escassa, reduz as perspetivas de futuro dos jovens que lá vivem. Sentem assim que as suas opções são limitadas, e, sendo frequentemente bastante qualificados, recorrem cada vez mais à migração para a diáspora. Apesar destes entraves, a maior parte dos jovens continua a identificar-se com a FP, considerando-a como o seu legítimo representante na luta pela autodeterminação Saarauí.

O cessar-fogo de 2020 potenciou a mudança na opinião de alguns jovens, que acreditavam na resolução pacífica do conflito, e consideram agora que o conflito armado é a única solução viável, dada a ineptidão da ONU na via diplomática.

Em última análise, todos os participantes do estudo revelam que o seu objetivo final é regressar a um Saara Ocidental livre, onde possam reencontrar-se com as suas famílias (no caso dos jovens que vivem na diáspora) e estabelecerem as suas vidas lá, algo que é idealizado por toda a população Saarauí desde 1975. Consideram inviável a continuidade nos campos, que, apesar de terem constituído uma boa solução de exílio, não representam o seu lar definitivo.

Com 6 entrevistas conduzidas, a amostragem é significativamente reduzida, pelo que a complementação da informação obtida com a literatura já existente foi fulcral para uma compreensão e análise do tema em estudo. Propõe-se assim a realização futura de pesquisas mais abrangentes, que incluam jovens Saarauís residentes nos territórios ocupados, nos territórios libertados e ainda noutros países da diáspora Saarauí.

Dada a bibliografia existente e os resultados obtidos, sugere-se um maior foco e investimento no estudo da nova geração de Saarauís, considerando a sua importância no contexto atual do conflito e o seu papel central na continuidade e renovação da luta pela causa.

## Referências Bibliográficas

- Álvarez, L. A. (2021) “*Matter out of place: Humanitarianism and the construction of national identities: the cases of Palestinian and Sahrawi refugees* [Dissertação de mestrado não publicada]. Universidade de Uppsala.
- Amnistia Internacional. (2010). Derechos pisoteados: Protestas, violencia y represión en el Sáhara Occidental. *Amnesty International Publications*. <https://www.amnesty.org/es/wp-content/uploads/sites/4/2021/07/mde290192010es.pdf>
- Armstrong, H. (2018, abril). *The Youth Movement in Sahrawi Refugee Camps*. <https://www.crisisgroup.org/middle-east-north-africa/north-africa/western-sahara/youth-movement-sahrawi-refugee-camps>
- Assembleia Geral das Nações Unidas. (1960). *Declaration on the Granting of Independence to Colonial Countries and Peoples (Res 1514)*. [https://docs.un.org/en/A/res/1514\(xv\)](https://docs.un.org/en/A/res/1514(xv))
- Assembleia Geral das Nações Unidas. (1974). *Question of Spanish Sahara (Res 3292)*. <https://digitallibrary.un.org/record/190206?v=pdf>
- Bahaijoub, A. (2010). *Western Sahara conflict: historical, regional and international dimensions*. North South Books.
- Biskri, M., & Guattas, S. (2022). Western Sahara: the stalemate of the issue and the continuation of the state of no war and no peace. *Technium Social Sciences Journal*, 36, 504–515. <https://doi.org/10.47577/tssj.v36i1.7396>
- Bohrer, A. (2023). Who’s afraid of identity?: Intersectionality and the struggle for, against, and beyond identity. Em *The Routledge Companion to Intersectionalities*. Routledge.
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77–101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- Bryman, A., & Bell, E. (2019). *Social Research Methods*. (5ª Edição). Oxford University Press.
- Dafa, L. M., & Fiddian-Qasmiyeh, E. (2023). Care, control and crisis: Sahrawi youth as refugees and migrants. *Crisis for Whom? Critical global perspectives on childhood, care, and migration Edited by Rachel Rosen, Elaine Chase, Sarah Crafter, Valentina Glockner, and Sayani Mitra*. [https://www.academia.edu/94456753/Care\\_control\\_and\\_crisis\\_Sahrawi\\_youth\\_as\\_refugees\\_and\\_migrants](https://www.academia.edu/94456753/Care_control_and_crisis_Sahrawi_youth_as_refugees_and_migrants)
- Drury, M. (2018). *Disorderly Histories: An Anthropology of Decolonization in Western Sahara*. [Tese de doutoramento não publicada]. City University of New York (CUNY).
- Drury, M. (2024). Anticolonial irredentism: the Moroccan liberation army and decolonisation in the Sahara. *The Journal of North African Studies*, 29(2), 228–254. <https://doi.org/10.1080/13629387.2022.2056449>

- Espinel-Rubio, G.-A., & Feo-Ardila, D.-Y. (2020). El paradigma de paz imperfecta en un campamento de refugiados: empoderamiento pacifista de adolescentes saharauis. *ÁNFORA*, 28(50), 45–74. <https://doi.org/10.30854/anf.v28.n50.2021.714>
- European Commission. (s.d.). *Algeria*. [https://civil-protection-humanitarian-aid.ec.europa.eu/where/middle-east-and-northern-africa/algeria\\_en](https://civil-protection-humanitarian-aid.ec.europa.eu/where/middle-east-and-northern-africa/algeria_en)
- Fiddian-Qasmiyeh, E. (2011). Protracted Sahrawi displacement: challenges and opportunities beyond encampment. *Refugee Studies Centre*, 7. <https://www.refworld.org/reference/research/rsc/2011/en/79531>
- Fiddian-Qasmiyeh, E. (2012). Transnational childhood and adolescence: mobilizing Sahrawi identity and politics across time and space. *Ethnic and Racial Studies*, 36(5), 875–895. <https://doi.org/10.1080/01419870.2011.631557>
- Fiddian-Qasmiyeh, E. (2013). The Inter-generational Politics of ‘Travelling Memories’: Sahrawi Refugee Youth Remembering Home-land and Home-camp. *Journal of Intercultural Studies*, 34(6), 631–649. <https://doi.org/10.1080/07256868.2012.746170>
- Fiddian-Qasmiyeh, E. (2018). Ideal women, invisible girls?: The challenges of/to feminist solidarity in the Sahrawi refugee camps. In R. Rosen & K. Twamley (Eds.), *Feminism and the Politics of Childhood: Friends or Foes?* (pp. 91–108). UCL Press. <http://www.jstor.org/stable/j.ctt21c4t9k.12>
- Fuentes, C. C., Gascón, M.L.G., & Seisedos, S.R. (2013). *Género y construcción de la paz en la cooperación internacional: el papel de las mujeres saharauis en el conflicto del Sahara Occidental*. <https://aecpa.es/es-es/genero-y-construccion-de-la-paz-en-la-cooperacion-internacional-el-pa/congress-papers/577/>
- Gómez-Justo, J. C. (2013). *El Frente POLISARIO: La historia de un Movimiento de Liberación Nacional vivo*. <https://rabida.uhu.es/dspace/handle/10272/8304>
- Henneber, S., & Ghouli, A. (2023, noviembre). *Balancing U.S. Relations in North Africa Without Undermining the Abraham Accords*. <https://www.washingtoninstitute.org/policy-analysis/balancing-us-relations-north-africa-without-undermining-abraham-accords>
- Herz, M. (2013). Refugee Camps of the Western Sahara. *Humanity: An International Journal of Human Rights, Humanitarianism, and Development* 4(3), 365–391. <https://doi.org/10.1353/hum.2013.0029>.
- International Court of Justice (1975). *Western Sahara, Advisory Opinion, I.C.J. Reports 1975, p. 12*. <https://www.icj-cij.org/sites/default/files/case-related/61/061-19751016-ADV-01-00-EN.pdf>
- International Crisis Group. (2021, marzo). *Time for International Re-engagement in Western Sahara*. <https://www.crisisgroup.org/middle-east-north-africa/north-africa/western-sahara-morocco-mauritania/time-international-re>
- Kapur, K. & Fundación Mundubat. (2019). *The Mirage of Human Rights: Sahrawi Youth and*

*the Occupation of Western Sahara.* Fundación Mundubat. <https://www.mundubat.org/proyecto/the-mirage-of-human-rights-sahrawi-youth-and-the-occupation-of-western-sahara/?lang=en>

- Kestler-D'Amours, J. (2020, dezembro). *US recognised Morocco's claim to Western Sahara. Now what?* <https://www.aljazeera.com/news/2020/12/11/us-recognised-morocco-claim-to-western-sahara-now-what>
- Kluszczyńska, M. (2022). Sahrawi migration in the context of a protracted refugee situation – a description of the phenomenon and critical analysis of the state of research. *Studia Migracyjne – Przegląd Polonijny*, 2022 (XLVIII) (Nr 1 (183)), 137–155. <https://ejournals.eu/czasopismo/smpp/artkul/sahrawi-migration-in-the-context-of-a-protracted-refugee-situation-a-description-of-the-phenomenon-and-critical-analysis-of-the-state-of-research>
- Knott, E., Rao, A. H., Summers, K., & Teeger, C. (2022). Interviews in the social sciences. *Nature Reviews Methods Primers*, 2(1). <https://doi.org/10.1038/s43586-022-00150-6>
- Leavy, P. (2020). The Oxford Handbook of Qualitative Research. In *Oxford University Press eBooks*. <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780190847388.001.0001>
- Lourenço, I. (2019). Saharawi Children and Students under occupation. *Centro De Estudos Africanos Da Universidade Do Porto*. [http://africanos.eu/images/publicacoes/working\\_papers/WP\\_2019\\_1.pdf](http://africanos.eu/images/publicacoes/working_papers/WP_2019_1.pdf)
- MacDonald, R. (2011). Youth transitions, unemployment and underemployment: Plus ça change, plus c'est la même chose? *Journal of Sociology*, 47(4), 1–18. <https://doi.org/10.1177/1440783311420794>
- Marks, S. (2024, dezembro). *Trump's Return Raises Tensions Over Western Sahara*. <https://www.bloomberg.com/news/newsletters/2024-12-17/trump-s-return-raises-rebel-morocco-tension-over-disputed-western-sahara>
- Martín, C. G. (2017). Rethinking the concept of a “Durable solution”: Sahrawi refugee camps four decades on. *Ethics & International Affairs*, 31(1), 31–45. <https://doi.org/10.1017/S0892679416000642>
- Mercer, J. (1976). The Cycle of Invasion and Unification in the Western Sahara. *African Affairs*, 75(301), 498–510. <https://www.jstor.org/stable/721268>
- Minority Rights Group. (2024, novembro). *Saharawis in Western Sahara - Minority rights group*. [https://minorityrights.org/communities/saharawis/?utm\\_source=chatgpt.com](https://minorityrights.org/communities/saharawis/?utm_source=chatgpt.com)
- Mohcen-Finan, K. (2004). *Sahara occidental: le maintien du statu quo*. CERI. <https://www.sciencespo.fr/ceri/fr/content/sahara-occidental-le-maintien-du-statu-quo>
- Mundy, J. (2022). The End of the Western Sahara Peace Process and the Collapse of the UN Ceasefire. *Conflict and Peace in Western Sahara*.

- Murphy, J. M., & Omar, S. M. (2013). Aesthetics of Resistance in Western Sahara. *Peace Review*, 25(3), 349–358. <https://doi.org/10.1080/10402659.2013.816553>
- Organização das Nações Unidas. (2023). *Sahrawi Refugee Response Plan (SRRP) 2024-2025*. <https://algeria.un.org/sites/default/files/2024-01/SRRP%20-%20English.pdf>
- Plaza, C. V., & Fernández, N. E. (2017). *La juventud refugiada en los campamentos saharauis: Atrapados en la incertidumbre del limbo*. Asociación de Amigos y Amigas de la RASD de Álava.
- Por un Sahara Libre (2024, dezembro). *48th EUCOCO – Final Resolution*. <https://porunsaharalibre.org/en/2024/12/03/48th-eucoco-final-resolution/>
- Reis, Rita. (2022). Student Migration as an Escape from Protracted Exile. Em N. Bloch, & K. M., Adams (Eds.), *Intersections of Tourism, Migration, and Exile*. (1<sup>st</sup> Ed., pp.78-93). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781003182689>
- Rivelsrud, S. (2010). *The Sahrawi Refugees and their National Identity*. [Dissertação de mestrado não publicada]. Universidade de Oslo.
- Rodríguez, J. D. T. (2018). The Crisis at Guerguerat and the escalation of the Western Sahara conflict. *Spanish Yearbook of International Law*, 22, 415-426
- Rosen, R., Chase, E., Crafter, S., Glockner, V., & Mitra, S. (n.d.). *Crisis for Whom?: Critical Global Perspectives on Childhood, Care, and Migration*.
- Sahara Press Service. (2024, setembro). Sahrawi Red Crescent calls for urgent assistance to respond to floods in the Sahrawi refugee camps (Press Release). *Sahara Press Service*. <https://www.spsrasd.info/en/2024/09/24/5276.html>
- San Martín, P. (2006) 'EU-Morocco Fisheries Agreement: The Unforeseen Consequences of a Very Dangerous Turn.' Grupo de Estudios Estratégicos GEES. Colaboraciones. No. 1013. Madrid.
- Sika, N. (2021). Beyond the Impasse? Dynamics of youth agency in times of crisis. *Mediterranean Politics*, 26(3), 273–284. <https://doi.org/10.1080/13629395.2020.1749803>
- The Economist. (2024, julho). *Who should control Western Sahara?*. <https://www.economist.com/the-economist-explains/2024/07/31/who-should-control-western-sahara>
- Unicef (s.d). *Humanitarian response for Sahrawi refugee children and their families*. <https://www.unicef.org/algeria/en/humanitarian-reponse-for-sahrawi-refugee-children-and-their-families>
- Wilson, A. (2016). *Sovereignty in Exile: A Saharan Liberation Movement Governs*. University of Pennsylvania Press. <http://www.jstor.org/stable/j.ctv2t4dv4>

World Food Programme. (2023). *Algeria: Annual Country Report 2023 - Country Strategic Plan 2019-2024*. <https://www.wfp.org/annual-country-reports-2023>

Zunes, S., & Mundy, J. (2010). *Western Sahara: War, Nationalism, and Conflict Irresolution*. Syracuse University Press.



# Anexos

## Anexo A – Guião da Entrevista

Como sabe, o meu nome é Sara e estou de momento no 2º ano do mestrado em Ação Humanitária no ISCTE-IUL. O tema da minha dissertação de mestrado é o conflito do Saara Ocidental e a Agência Política dos Jovens Saarauís, e, portanto, estou interessada em compreender as perceções dos jovens que moram nos campos de refugiados em Tindouf, assim como na diáspora Saarauí e ainda profissionais humanitários que estejam inseridos no contexto do conflito.

A nossa entrevista será gravada apenas por áudio, para posterior análise. Conforme mencionado no consentimento informado que já assinou, a participação neste estudo é confidencial e voluntária, pelo que pode decidir parar a entrevista a qualquer momento, ou posteriormente, interromper a sua participação.

Três tipos de entrevistados

- Jovens Saarauís residentes nos campos
- Jovem Saarauí residente na diáspora
- Profissional Humanitário

Perguntas direcionadas apenas aos jovens dos campos (J)

Perguntas direcionadas apenas ao Jovem na diáspora (D)

Perguntas direcionadas apenas ao Profissional Humanitário (P)

Vida Diária:

1. Quais são os principais desafios que identifica no dia-a-dia dos campos? (J)
  - 1.1. O que faria para o mudar?
2. Como é o seu dia-a-dia no campo? (J)

Emprego:

1. Onde trabalha atualmente?
2. Como descreve as oportunidades de emprego nos campos?
3. Já emigrou, ou pensou em emigrar? (J)
4. Qual a sua opinião sobre os jovens Saarauís que emigram para a diáspora, em procura de melhores condições e oportunidades?

Educação:

1. Qual o seu nível de escolaridade?
2. Alguma vez participou nas *Vacaciones en Paz*? (J)
  - 2.1. O que acha do projeto?

Política:

1. Como é que descreve a causa Saarauí?
  - 1.1 Acha que mudou ao longo dos anos?
2. Qual a sua opinião sobre a Frente Polisário?
3. Faz ou já fez parte de algum grupo politizado, ou participou em manifestações/realizar ativismo? (J,D)
4. Como caracteriza as suas ideias sobre o conflito, relativamente às dos seus pais/avós? (J,D)
5. Que medidas gostaria de ver implementadas pela RASD? (J,D)
6. Por que razão quis juntar-se à Organização X? (D)

Futuro:

1. Quais as suas perspetivas para o futuro? (J,D)
2. Na sua opinião, qual é a melhor solução para o conflito?

Perguntas específicas para o profissional humanitário (P):

1. Qual é o seu papel na ONG?
2. Quantas vezes já esteve nos campos?
  - 2.1. Que atividades desempenhou?
3. Qual é o papel da Ação Humanitária nos campos em Tindouf?

## **Anexo B – Consentimento Informado da Entrevista**

Este estudio forma parte de un proyecto de investigación que se está llevando a cabo en **Iscte - Instituto Universitário de Lisboa**.

El estudio tiene como objetivo comprender y analizar la agencia política de los jóvenes Saharauis. Su participación en el estudio, que será muy valorada y contribuirá al avance del conocimiento en este campo de la ciencia, consiste en la realización de una entrevista semiestructurada de una duración máxima de 90 minutos.

Iscte es responsable del tratamiento de sus datos personales, que se recogen y tratan exclusivamente para los fines del estudio, sobre la base legal de su consentimiento, art. 6, nº 1, letra a) y art. 9, nº 2, letra a) del Reglamento General de Protección de Datos.

El estudio está siendo realizado por Sara Ferreira (saracmorais22@gmail.com), con quien puede ponerse en contacto si tiene alguna pregunta, desea compartir algún comentario o desea ejercer sus derechos en relación con el tratamiento de sus datos personales. Puede utilizar los datos de contacto facilitados para solicitar el acceso, la rectificación, la supresión o la limitación del tratamiento de sus datos personales.

La participación en este estudio es **confidencial**. Sus datos personales serán tratados siempre por personal autorizado y sujeto al deber de secreto y confidencialidad. Iscte garantiza el uso de técnicas y medidas organizativas y de seguridad adecuadas para proteger la información

personal. Todos los investigadores están obligados a mantener la confidencialidad de los datos personales.

Además de confidencial, la participación en el estudio es estrictamente **voluntaria**: puede elegir libremente participar o no participar. Si ha optado por participar, puede interrumpir su participación y retirar su consentimiento al tratamiento de sus datos personales en cualquier momento, sin tener que aportar justificación alguna. La retirada del consentimiento no afecta a la legalidad del tratamiento realizado previamente sobre la base del consentimiento dado.

Sus datos personales se conservarán durante 1 año, transcurrido el cual serán destruidos o anonimizados, garantizando su anonimato en los resultados del estudio, sólo divulgados con fines estadísticos, docentes, de comunicación en reuniones o publicaciones científicas.

No se esperan riesgos significativos asociados a la participación en el estudio.

Iscte no divulga ni comparte información sobre sus datos personales con terceros.

Iscte cuenta con un responsable de la protección de datos, con el que puede ponerse en contacto en [dpo@iscte-iul.pt](mailto:dpo@iscte-iul.pt). Si lo considera necesario, también tiene derecho a presentar una reclamación ante la autoridad de control competente: la Comisión Nacional de Protección de Datos.

**Declaro** que he comprendido los objetivos de lo que se me ha propuesto y explicado el investigador, que se me ha dado la oportunidad de formular todas las preguntas sobre este estudio y que he recibido una respuesta esclarecedora a todas ellas. **Acepto** participar en el estudio y doy mi consentimiento para que mis datos personales se utilicen de acuerdo con la información que se me ha facilitado.

\_\_\_\_\_ (ubicación), \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_\_

## **Anexo C – Debriefing da Investigação**

### ***Debriefing/ Explicación de la Investigación***

Muchas gracias por participar en este estudio. Como ha dicho al principio de su participación, el estudio se centra en la agencia política de los jóvenes saharauis. Más concretamente, pretende comprender las experiencias de las nuevas generaciones y sus perspectivas de futuro, teniendo en cuenta su condición, así como analizar el impacto de la Acción Humanitaria en la vida de estos jóvenes y analizar las diferencias en los ideales políticos de los jóvenes saharauis que viven en los campamentos y los jóvenes que viven en la diáspora en España.

Como parte de su participación, me gustaría hacer hincapié en que es voluntaria y puede darse por terminada en cualquier momento. En caso de consecuencias negativas para el participante, se le remitirá a un servicio de apoyo adecuado.

Le recordamos los datos de contacto que puede utilizar si desea formular alguna pregunta, compartir un comentario o indicar su intención de recibir información sobre los principales resultados y conclusiones del estudio:

Sara Ferreira - correo electrónico: [saracmorais22@gmail.com](mailto:saracmorais22@gmail.com)

Una vez más, gracias por su participación.